

Felipe Curcio Ferreira Silva

KOINŌNÍA EM At 2,42

O SENTIDO DA COMUNHÃO FRATERNA NA COMUNIDADE DE JERUSALÉM

Dissertação apresentada ao Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da Práxis Cristã

Orientador: Prof. Dr. Johan Konings

Apoio: FAPEMIG

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

	Silva, Felipe Curcio Ferreira
S586k	Koinonía em At 2,42: o sentido da comunhão fraterna na comunidade de Jerusalém / Felipe Curcio Ferreira Silva. - Belo Horizonte, 2016. 71 f. Orientador: Prof. Dr. Johan Konings Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia. 1. Bíblia. N.T. Atos. 2. Comunhão fraterna. I. Konings, Johan. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título
	CDU 226.6

Felipe Curcio Ferreira Silva

**KOINŌNIA EM At 2,42:
O SENTIDO DA COMUNHÃO FRATERNA NA COMUNIDADE
DE JERUSALÉMAS**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 11 de abril de 2016.

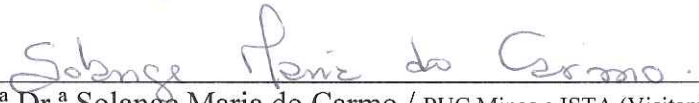
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Johan M. H Jozef Konings / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Jaldemir Vitorio / FAJE



Prof.^a Dr.^a Solange Maria do Carmo / PUC Minas e ISTA (Visitante)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido sua maravilhosa graça a fim de que eu pudesse concluir com êxito minha pesquisa.

À Wedna Marques, por seu companheirismo, carinho, apoio e orações.

Aos meus pais, Carlos Roberto Silva e Maria de Fátima Ferreira Silva, e à minha irmã, Roberta Curcio Ferreira Silva, sou profundamente grato.

Aos meus familiares, que conjugaram o verbo A-M-A-R através da ajuda e da assistência mútua, que comumente, nos assegura no caminho.

Ao meu primeiro orientador, Prof. Dr. Pe. Luís Henrique Eloy e Silva, por seus aconselhamentos acadêmicos e pastorais, a fim de que eu continuasse meus estudos em Teologia para o serviço da fé ao Povo de Deus.

Ao meu atual orientador, Prof. Dr. Pe. Johan Konings, SJ, sem o qual, este trabalho não seria possível.

Aos amigos que encontrei nos corredores da FAJE, em especial, aos meus colegas doutorandos Valdete Guimarães e Pe. Clodomiro que, com muito entusiasmo e alegria fraterna, passaram-me a luz intelectual e interpessoal de que eu tanto precisava.

À Ira. Zuleica, também doutoranda pela FAJE, por sua caridade e pelas pistas de produção teológica.

Ao amigo Thalles, pelo auxílio na tradução do resumo para a língua inglesa.

À todos os bibliotecários, em especial à minha amiga Zita que, como ourives, fez minha Dissertação passar pelo crivo das formatações da ABNT, a fim de que tivéssemos em mãos um trabalho acadêmico.

À Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

À FAPEMIG por custear meus estudos.

Favor Imerecido.

RESUMO

A presente pesquisa se dedica a elaborar uma leitura hermenêutico-teológica do termo bíblico *koinōnía* à luz de At 2,42. Após o estado da questão e a revisão da literatura, abordamos a possível herança comunitária de Atos em relação à vivência fraterna dos judeus piedosos do século II. Em seguida, dedicamos nossa atenção ao saltério bíblico. O Sl 133 receberá atenção especial por ser o que se identifica como o salmo do amor fraterno. Apresentamos a óptica comunitária sob o viés do amor (*ágape*) e da hospitalidade. O cerne de nosso texto é o relato de Atos 2,42 e o aprofundamento do tema da *koinōnía* (*comunhão*), dando especial atenção ao estudo dos chamados “sumários” de Atos. A atualização da mensagem cristã vem com diversos subtemas da *koinōnía*: sacrifício, Cristo e a Igreja. A teologia clássica que vê uma profunda ligação entre Babel e Pentecostes também será revisitada numa busca hermenêutica bastante significativa. Por fim, o tema da comunhão de bens será contemplado a fim de deixar luzes desafiadoras à pastoral cristã.

Palavras-chave: Atos dos Apóstolos – Comunhão fraterna – Teologia – Práxis Cristã.

ABSTRACT

This research poses to elaborate a hermeneutic-theological reading of the biblical term *koinōnía* by the light of Acts 2,42. After the *status quaestionis* and the review of literature, we approach the possible communitarian heritage of Acts in relation to the fraternal living of the pious Jews of the II. Century and the biblical Psalter. The Psalm 133 is going to receive special attention for being acknowledged as the psalm of fraternal love. Then we approach the communitarian view under the bias of love (agape) and hospitality. The core of our text is the understanding of the community of Acts 2,42 and its other ways of deepening the theme of *koinōnía* (communion), giving special attention to the study of “summaries” of Acts. The update of the Christian message comes with diverse subthemes of *koinōnía*, sacrifice, Christ and the Church. The classical theology that sees a deep connection between Babel and Pentecost is also going to be reviewed in a quite significant hermeneutic search. In conclusion, the theme of communion of goods is going to be looked upon in order to leave challenging lights to the christian pastoral.

Keywords: Acts - Fraternal communion - Theology - Christian Praxis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Descrição do tema	10
1.2 Estado da questão (revisão de literatura)	12
2 AS COMUNIDADES PIEDOSAS JUDAICAS E SUA INFLUÊNCIA NO NOVO TESTAMENTO	16
2.1 As associações fraternas no judaísmo	17
2.1.1 A questão das <i>havurot</i>	17
2.1.2 Os essênios	19
2.1.3 Outras considerações	20
2.2 “Unidos como irmãos” (Sl 133)	20
2.3 As comunidades cristãs e a óptica comunitária no Novo Testamento	23
2.3.1 As tradições da ceia	23
2.3.2 Comunidade, amor, hospitalidade	24
2.3.3 A comunidade em Lc 24	25
2.3.4 A continuidade das comunidades judaicas e cristãs	26
3 A COMUNIDADE DE ATOS 2, 42	29
3.1 Contexto literário: Atos 2 no contexto da obra de Lucas	29
3.1.1. Visão global da obra lucana	29
3.1.2. Atos 2 no seu contexto	31
3.2 Os “sumários” do início de Atos	32
3.2.1 Sumários maiores e menores	32
3.2.2 Sinopse dos sumários maiores	33
3.2.3 Atos 1,12-14	34
3.2.4 At 2,42-27	35
3.2.5 Atos 4,32-35	36

3.2.6 Atos 5,12-16	36
3.3 Análise de Atos 2,42	36
3.3.1 As “quatro características” da comunidade	36
3.3.2 <i>Koinōnía</i> em exame linguístico.....	41
3.3.3 A <i>koinōnía</i> espiritual: o resultado de uma análise	43
4 REFLEXÃO TEOLÓGICA E HERMENÊUTICA.....	48
4.1 <i>Koinōnía</i> e sacrifício.....	48
4.2 Comunhão no mistério de Cristo e da Igreja	54
4.2.1 Parecer global da temática sacramental do livro de Sesboüé	55
4.2.2 O contributo de F. Taborda	55
4.2.3 “Uma só carne”: a abordagem contemplativo-espiritual de Grün.....	57
4.2.4 Conclusão.....	58
4.3 A unidade dos cristãos	59
4.3.1 A <i>oikoumenē</i>	59
4.3.2 Quadro comparativo dos textos de Gn 11,1-9 e At 2,1-13: De Babel a Pentecostes.....	60
4.4 Pastoralidades da comunhão fraterna	61
4.5 Comunidade de bens hoje.....	62
5 CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIA.....	66

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se dedica a elaborar uma leitura hermenêutico-teológica do termo bíblico *koinōnía* à luz de At 2,42 em conformidade com os primórdios da fé cristã na comunidade de Jerusalém.

Lançando mão da liberdade hermenêutica comparativa e complementativa, podemos dizer que “encaixaremos as peças do nosso quebra-cabeça” pragmático-teológico. Antes de tudo, encontraremos nossa localização dentro da múltipla possibilidade de pesquisa e investigação teórico-prática da história e da teologia na obra de Lucas, a saber, no Evangelho e no livro de Atos dos Apóstolos. Em nossa investigação, procuraremos colocar as bases de nossa argumentação, ao tomarmos por objeto de pesquisa a perícope de At 2,42-47 e as demais partes que a complementam, a saber, os sumários da vida da comunidade primitiva, que mostram as pinturas do ideal de comunidade cristã descrito por Lucas sob a inspiração da linearidade histórico-teológica da fé judaico-cristã, tendo em vista, também, sua forte identidade humanista como escritor e historiador sagrado.

Após formularmos o conceito de fundo de nossa pesquisa, apresentaremos os contributos dos grandes comentários e dos artigos que nos dão uma noção mais crítica e atualizada do assunto. Perceberemos assim o diálogo acerca do tema entre os autores e pesquisadores.

Como tesouro de nossa busca se encontra a abordagem sobre a possível herança comunitária de Atos em relação à vivência fraterna das comunidades piedosas judaicas do séc. II, o que está de acordo a maioria dos autores. Daí uma apresentação do que seriam as “Associações”, chamadas *havurot* e, para melhor contextualizar as mesmas, dedicaremos também alguma atenção à comunidade dos essênios de Qumrã. Tal abordagem se dedicará a ver os traços comuns que tais expressões de vida comunitária tinham em relação à comunidade de At 2,42. Serve-nos, também, o estudo sobre o ideal de comunidade na ética do direito do Antigo Testamento na abordagem de K. Grünwaldt, cujo ideal deuteronomista, era “a não existência de pobres no meio do povo de Deus”. E ainda não poderíamos deixar de recorrer à beleza e à riqueza do saltério bíblico. Analisaremos com atenção especial o Sl 133 que se identifica como o

salmo do amor fraternal. O salmo será analisado, interpretado, e atualizado. Veremos que o Antigo Testamento também nos dá luzes acerca do ideal comunitário da igreja de Atos e dos tempos hodiernos.

No segundo capítulo, daremos particular atenção ao ideal de vida comum tão presente nas comunidades cristãs e em suas tradições. Visitaremos as tradições da Última Ceia (Evangelhos Sinópticos e Paulo), e também citaremos, como complemento de análise, outros textos mais tradicionais que guardam o ideal da comunhão ou da unidade. Teremos um momento específico mais literário-teológico acerca da óptica comunitária sob o viés do amor cristão (*ágape*) e da hospitalidade cristã. Em seguida, contemplaremos a visão de comunidade no texto de Lc 24,13-35, que narra o episódio do encontro com o Cristo Ressurreto no caminho de Emaús. Mostraremos, na perícope de Lc 24,13-35, as “quatro características” da primeira comunidade de At 2,42. Por fim, estudaremos também um dos eixos fundamentais de nossa busca teórica, a saber, a temática da continuidade histórico-teológica das comunidades judaicas e cristãs. Especialmente aqui, teremos como base de nosso argumento, o conteúdo teológico denso da Cristologia e da Eclesiologia e de demais áreas teológicas afins.

O terceiro capítulo é o Centro de nossa pesquisa, a saber, o entendimento da comunidade de Atos 2,42 e suas demais vias de aprofundamento no tema da *koinōnía* (comunhão). Aqui, daremos especial atenção ao estudo dos chamados “sumários” de Atos. Os mais conhecidos são At 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16. Todavia, adotaremos uma novidade nessa pesquisa ao defendermos o que algumas fontes afirmam, a saber, que o primeiro sumário de Atos não seja 2,42-47, mas sim At 1,12-14. Para tal defesa, usaremos critérios internos, isto é, do próprio texto bíblico, e também, algumas fontes que corroboram nossa ideia. Caminhando mais um pouco adiante, falaremos de modo especial sobre as “quatro características” da igreja primitiva, que serve de modelo para toda e qualquer comunidade cristã. Dedicaremos também algumas páginas ao exame linguístico do termo *koinōnía*. Ao final do terceiro capítulo, veremos a *koinōnía* de At 2,42 interpretada como a comunhão espiritual dos crentes.

Na conclusão de nossa caminhada, buscaremos as bases teóricas que permitem uma atualização prática da mensagem cristã para nossos dias. Começaremos analisando a comunhão como sacrifício. Em seguida, abordaremos o tema da comunhão à luz da realidade cotidiana exemplificada no matrimônio e no mistério que ele revela, a

saber, a unidade plena de Cristo e sua Igreja descrita em Ef 5. A teologia clássica que vê uma profunda ligação entre Babel e Pentecostes também será revisitada. Por fim, trataremos da unidade dos cristãos, começando por uma síntese teológica até chegar ao profundo desafio de se viver a comunidade de bens de modo pleno e pacífico nos dias de hoje.

1.1 Descrição do tema

Debruçando-nos sobre a segunda obra do primeiro historiador cristão, extraímos da perícope lucana At 2,37-47, o v. 42 que tratará sobre a temática da práxis da comunhão fraterna na igreja primitiva. Apesar de o versículo falar sobre pelo menos quatro práticas da vida dos primeiros cristãos – ensino dos apóstolos, comunhão, partilha do pão, e as orações (At 2,42) – a presente pesquisa enfatiza o que Lucas chamou de *koinōnía*. Esta palavra, advinda do grego, recebe múltiplas significações, mas que pertencem a um mesmo campo semântico que é o da comunhão fraterna. A presente pesquisa se dedicará a compreender pelo menos três vertentes muito significativas deste vocábulo: a) a comunhão fraterna entendida como a união espiritual dos crentes; b) a comunhão fraterna como a partilha dos bens da comunidade, ou seja, como a solidariedade cristã; c) a comunhão fraterna eclesial, tanto nos dias dos apóstolos quanto nos dias de hoje.

Neste quadro faremos também uma abordagem da piedade judaica no tempo de Jesus, na linha das *havurot* ou fraternidades farisaicas, que mantinham sua identidade e firmeza através do Templo e de suas tradições. Veremos também a presença de comunidades piedosas como a dos Essênios, que ainda marcavam a tradição de Israel antes de 70 d.C. Nossa pesquisa passeará também por caminhos veterotestamentários, ao buscar uma ponte com o saltério bíblico. Daremos ênfase ao cântico de romagem (ou cântico de subida, ou de degraus), que se refere a Sião e a Davi, a saber, o salmo 133. Este salmo fala da excelência do amor fraternal e, na releitura cristã, ilumina profundamente a beleza e a graciosidade da união da igreja de Atos. A partir de Alonso Schökel, veremos o comentário de Agostinho acerca dos Salmos:

Essas palavras do saltério, esse doce som, essa suave melodia, cantada e compreendida, gerou os mosteiros. Esse som despertou os irmãos que

desejaram habitar juntos; esse versículo foi seu clarim. Soou por toda a terra, e os que estavam separados se congregaram¹.

Buscamos fazer, em suma, uma ponte entre os Testamentos, enxergando o ideal de comunidade não só cristã, mas humana, à luz da comunidade primitiva de Atos dos Apóstolos. Segundo Hauck², a condição pacífica é a plenitude de um povo. O novo chega quando a Igreja Nascente do Cristo Morto-Ressuscitado começa a se reunir em torno do ensinamento dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações.

Por fim, elucidaremos o real e mais profundo sentido da comunhão fraterna da comunidade de Jerusalém à luz de At 2,42, de modo que ganharemos um salto de compreensão quando unificarmos a *koinōnía* cristã lucana – que é fruto da percepção cristológico-teológica paulina e, por que não dizer, pneumatológica – com a percepção dos *atos de santidade* da comunhão veterotestamentária, desabrochando na compreensão não só do *kerygma* da Igreja, mas de seu *ethos*, a saber, a comunhão no sacrifício (*atos de santidade*) vivo, santo e agradável de Cristo. É, portanto, celebrando a nossa morte na comunhão do Mistério do Senhor, que conseguiremos reproduzir o entusiasmo primitivo que Lucas nos descreve.

Em primeira instância, faremos uso de um *zoom* de câmera fotográfica, que terá o foco na análise do termo *koinōnía* utilizado por Lucas na segunda parte de sua obra, a saber, Atos dos Apóstolos.

Sabe-se que o termo foi usado uma única vez pelo evangelista em At 2,42, na descrição das chamadas “quatro características” da vivência fraterna da comunidade de Atos. Compartilharemos da opinião de vários pesquisadores desse tema e veremos quais foram seus contributos para a investigação contextual e conceitual do termo em questão e do quadro panorâmico da identidade cristã nos seus primórdios.

Veremos também, a possível influência, apontada por diversos autores, da herança do modelo de vida comunitária dos grupos de piedades judaicas, como as *havurot* e a comunidade dos essênios, que são os famosos zelosos messiânicos do judaísmo do século II a. C. Para nossa aproximação teórica, recorreremos aos grandes comentários, a artigos sobre o tema e ao diálogo entre diversos autores, na busca de

1 ALONSO SCHÖKEL Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos II (Salmos 73-150)*. São Paulo: Paulus, 1998.

2 HAUCK, Friedrich. *koinós* etc. In: KITTEL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. Michigan: Grand Rapids: 1974. v.7, p. 789-809.

uma comum e sintética interpretação para a comunhão fraterna de Atos 2,42. Algo que é de fundamental importância na construção de nossa pesquisa é que a comunhão de At 2,42 não deve ser vista isoladamente, mas deve ser relida numa harmonia interpretativa de tudo aquilo que configura e sustenta uma comunidade cristã. Pelas Escrituras e pela pesquisa de autores como J. Dupont, R. Brown e A. Maggi, a comunhão fraterna se caracteriza pelo amor-caridade, porque, sem o mesmo, não há vida cristã em comunidade. Somos comunidade de amor.

1.2 Estado da questão (revisão de literatura)

F. Hauck, no *Dicionário Teológico do Novo Testamento* de Kittel³, além da descrição profana ou comum do termo *koinōnía* e derivados, passando pela análise de sociedade fraterna grega em que o ideal maior é a amizade, nos leva à compreensão fraterno-paulina da comunidade dos Gálatas (cf. Gl 2,9). Hauck nos descreve o aperto de mão dos crentes como um sinal de fraternidade cristã vivida na comunidade dos gálatas. O autor apresenta Paulo como sendo a principal figura neotestamentária no que diz respeito à comunhão fraterna e seu profundo significado. Segundo ele, o apóstolo é o representante legal dos primeiros cristãos. Para o autor, a *koinōnía* de At 2,42 não pode ser considerada como independente do judaísmo, pois o cristianismo primitivo ainda não havia se separado totalmente da piedade judaica, isto é, da fé e tradição dos judeus. Legalmente, os cristãos ainda estavam unidos ao culto judaico. Segundo o autor, os grupos do judaísmo eram sempre muito fechados em si. Eram grupos de fraternidade, mas eram círculos exclusivistas bastante restritos. O autor afirma que não podemos dar esse significado à comunhão de bens (cfr. v. 44: “tinham tudo em comum”). Hauck quer nos fazer entender que *koinōnía* é um termo espiritual e abstrato, para só então podermos entender a consistência da fraternidade cristã tão marcante em Atos.

No *Dicionário Bíblico-Teológico* de Bauer⁴, apesar de sua envergadura acadêmica, não encontramos nada especificamente acerca do termo *koinōnía* e sua relação com a vivência comunitário-ecclesial de Atos.

3 HAUCK, o.c., p. 808-809.

4 BAUER, Johannes B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000.

O artigo do Novo Testamento de Annette Merz no *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo Testamento e do Novo Testamento*⁵ revisita o significado de *koinōnía* no Novo Testamento, inclusive em Atos (sumários), dá ênfase à influência grega da compreensão de ciclo de amizade. Por fim, após analisar os termos no Novo Testamento relacionados e concatenados à *koinōnía*, Merz aborda J. Hainz que usando a teologia paulina sobre a *koinōnía*, interpreta a comunhão como sendo a Eucaristia ou a Santa Ceia do Senhor⁶.

Jean Radermakers⁷ nos apresenta a visão total da obra de Lucas (Lc-At). O autor elabora o *background* do evangelista, apresenta uma Breve Introdução; aborda a Finalidade e os Destinatários; traça uma visão de Plano e Conteúdo; analisa o texto propriamente; as Fontes são contempladas; e em seguida, faz teologia do todo abordado. Esse artigo não apresenta nada específico sobre a comunhão fraterna, ele faz mais uma abordagem global do Evangelho e de Atos dos Apóstolos, seu contexto histórico e teológico.

Édouard Lipinski, no *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*⁸, mostra a concepção sacrificial veterotestamentária da comunhão, dando luzes para a *koinōnía* cristã, como sendo algo sacrificial e co-participativo.

J. Fitzmyer⁹ nos apresenta um quadro bastante elaborado da vida comunitária da igreja de Atos. Mostra os traços da vida de comunhão que os primeiros cristãos experimentavam, a partir do primeiro sumário lucano (At 2,42-47) seguido dos outros dois clássicos sumários de Atos (4,32-35 e 5,12-16). Mostra também a possível influência que outros grupos de vivência fraterna provocaram na comunidade de Atos (Qumrã, Essênios). O autor traça ainda como complemento argumentativo o que seriam mais detalhadamente as “quatro características” de At 2,42, que é uma das abordagens principais de nossa pesquisa.

5 MERZ, Annette. In *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2011.

6 Ver textos paulinos que usam “comunhão” ou equivalem ao sentido da mesma. Ex.: comunhão do sangue (cf. 1 Cor 10,16); comunhão do corpo de Cristo (cf. 1 Cor 10,16); comungar do cálice do Senhor (cf. 1 Co 10,21); comunhão do Espírito (cf. 2 Co 13,13).

7 RADERMAKERS, Jean. Atos dos Apóstolos. In *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2013.

8 LIPINSKI, Édouard. Comunhão, sacrifício. In *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2013.

9 FITZMYER, Joseph A. *The Acts of the Apostles*. New York: Anchor Bible, 1998.

Segundo Fitzmyer, o tema da *koinōnía* está presente no suposto *primeiro sumário*¹⁰ de Atos (2,42-47), que se encontra entre o evento Pentecostes, seguido pelo discurso de Pedro em Jerusalém, e o embate dos helenistas. A palavra ou o termo grego *koinōnía* se encontra, única e exclusivamente, em 2,42, sendo um *hápax legómenon*, um termo que aparece uma única vez em toda a obra Lucas-Atos. A *koinōnía* mostra uma vertente helenística, ao se igualar com os ciclos de amizade gregos, atestados nos documentos antigos. Temos, por exemplo, a famosa frase em Pitágoras: “amigos tinham tudo em comum”. Tal percepção, Lucas possivelmente a aproveita e reinterpreta sob o viés cristão da unidade fraterna em 4,32: “tinham tudo em comum”. A comunhão espiritual dos crentes ganha maior força de expressão ao se tornar um ideal comunitário bem incisivo. Passa-se da comunhão gerada pelo Espírito na fé do Salvador à vivência da partilha com a premissa de vida comunitária. À expressão helenística “uma só alma”, Lucas acrescenta o diferencial judaico-cristão: “um só coração” (cf. Dt 6,4 – *Shemá Israel*), propondo não só a partilha da fé, da esperança e do amor (cf. 1 Cor 13,13), mas também de todos os bens materiais (cf. At 4,32).

A *koinōnía* apostólica difere das comunidades de fraternidade judaicas e dos círculos de amizade gregos, porque, de fato, a força motivacional e motriz que os unia transcendia as tradições da Lei e da convivência social grega. O que os unia era o resumo da lei e dos profetas: o amor a Deus e ao próximo. E o que os diferenciava dos filósofos gregos, era que a unidade cristã congregava tanto o rico quanto o pobre, sendo estes um no Senhor¹¹.

D. Marguerat, em sua obra *A primeira história do cristianismo*¹², apresenta outra perspectiva ao descrever os *Atos dos Apóstolos* como obra da *Palavra* e do *Espírito*, os quais, segundo o autor, suscitavam a unidade da Igreja primitiva naqueles “tempos de ouro” (expressão usada por Marguerat para definir a idealização comunitária lucana em Atos).

10 Adiante mostraremos que poderia haver outro primeiro sumário, a saber, At 1,12-14.

11 Sobre a comunhão fraterna sob o viés do amor, ver estudo de J. Dupont; e sobre a igualdade das classes, ver comentário de J. Comblin.

12 MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 115, 186.

R. Fabris¹³, em seu comentário, trabalha também o viés do movimento da Palavra e do Espírito como introdutórios ao tema da vivência comunitária dos irmãos de Jerusalém, junto à análise minuciosa da *koinōnía* de At 2,42 e das “quatro características” marcantes na igreja de Atos.

J. Comblin, sintetizando os comentários que utilizou, busca fazer de modo bem sucinto a análise dos quadros narrativos da comunidade dos irmãos segundo nos descreve o livro dos Atos dos Apóstolos¹⁴.

Fundamental é a contribuição de Jacques Dupont¹⁵, que mostra que a *koinōnía* de At 2,42 se explica a partir de At 2,44: “Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum”. A parte mais significativa aqui é que está em concordância com a maioria dos Comentários é a expressão de 2,44 “tinham tudo em comum” e de 4,32: “Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das cousas que possuía. Tudo, porém, lhes era comum.” Dupont ainda, aponta a *koinōnía* de Atos 2, 42, como uma comunhão fraterna que deriva de pelo menos três vias significativas de comunhão: a comunhão espiritual dos crentes, a comunhão ou partilha dos bens, e, a comunhão universal cristã, que consiste no partir do pão e no ter comunhão plena uns com os outros. Segundo Dupont, apesar de não encontrarmos o vocábulo “caridade” (*ágape*) em Atos, é indispensável a compreensão de que, para haver uma verdadeira e concreta comunhão fraterna, seria necessária também a prática e a vivência da caridade fraterna, que, conforme o exegeta, seria a força propulsora para que os cristãos vivessem em união. Assim como Dupont, outros comentadores como R. Brown¹⁶ e Alberto Maggi¹⁷, ainda que em análise joanina, veem na caridade a condição *sine qua non* para que exista a comunhão fraterna e, portanto, a unidade cristã.

13 FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1984, p.59.

14 COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Aparecida: Santuário, 2013, p.134-142.

15 DUPONT, Jacques. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974, p. 505; 519.

16 BROWN, R. E. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 2009, p.136-141.

17 MAGGI, Alberto. *A loucura de Deus: o Cristo de João*. São Paulo: Paulus, 2013.

2 AS COMUNIDADES PIEDOSAS JUDAICAS E SUA INFLUÊNCIA NO NOVO TESTAMENTO

Num primeiro momento, veremos a abordagem das comunidades piedosas judaicas e sua possível influência sobre a comunidade dos Atos dos Apóstolos. Atentaremos na análise interpretativa sobre as *havurot* e qual sua ligação com o farisaísmo judaico. Em consonância a essa busca, veremos também a importância contextual da comunidade fraterna de Qumrã, ou seja, aos qumranitas ou essênios que se encontram no mesmo contexto histórico das demais comunidades piedosas do judaísmo do século II e perduram até a destruição do Templo e de Jerusalém em 70 d.C.

Há, no decorrer deste capítulo, anexos informativos que nos esclarecem ainda mais a perspectiva fraterno-comunitária de Atos quando buscada em tantos exemplos da história. Veremos um pouco sobre alguns tratados da tradição judaica e o que eles têm a dizer sobre a vida em comunidade, tão presente na história judaico-cristã. Veremos a opinião de Klaus Grünwaldt, acerca do ideal de igualdade social já presente no *ethos* do direito veterotestamentário.

Depois, a partir do Sl 133, que nos fala sobre a excelência do amor entre irmãos, veremos a fundamentação do ideal fraterno no imaginário judaico.

Num segundo momento, atentaremos para as contribuições e influências que o Novo Testamento nos deixou acerca da visão de vida comum. Veremos as tradições da Última Ceia nos Evangelhos Sinópticos e nos Escritos Paulinos. Também serão citadas outras referências bíblicas sobre a comunhão fraterna em perspectiva geral como complemento de nossa análise.

Mais adiante, veremos a peculiar abordagem sobre três assuntos que se complementam em nossa releitura hermenêutico-teológica da *koinōnía* (comunhão) de At 2,42, a saber, a visão de comunidade, de amor e de hospitalidade cristã. Para essa parte, temos o contributo de R. Brown que analisará a *koinōnía* (comunhão) sob o viés do amor fraterno da comunidade joanina do I século d.C. Outro ponto basilar de nossa análise nesse capítulo será a parte dedicada à interpretação da perícope de Lc 24 que

narra o episódio da aparição do Senhor ressuscitado aos dois discípulos no caminho de Emaús. Ao final deste capítulo, veremos a continuidade entre o judaísmo e o cristianismo tendo como centro a pessoa de Cristo.

2.1 As associações fraternas no judaísmo

2.1.1 A questão das *havurot*

A piedade judaica no tempo de Jesus, na linha das *havurot* ou fraternidades farisaicas, encontrava no Templo e em suas tradições seu *logos* existencial. Segundo o teólogo alemão Ralph W. Klein, o Templo manteve a fama e o prestígio do povo hebreu em toda a sua história.

Considerado o estrado dos pés de Deus (Lm 2.1), o lugar da morada de Javé (1 Rs 8.13; Ez 43.7), seu lugar de repouso (Sl 132.14), ou o lugar onde se podia ver a sua face (Is 1.12 *BHS*), também abriu a porta para as influências cananeias e à ideia de que Deus era a garantia do *status quo*¹.

Segundo Klein, “o Templo era o símbolo tangível da eleição do povo e lembrança das ações infalíveis de Deus na história a seu favor”². O termo *havurá* advém do hebraico e traz como significado o conceito de comunhão. O seu plural é *havurot*. É um grupo de piedosos judeus unidos por uma mesma opinião, que se reúne em torno do Sábado e dos dias festivos, dos serviços de oração e das partilhas de experiências comuns. Tudo isso se enquadra num evento que comemora ou celebra o ciclo da vida ou o aprendizado dos judeus. As *havurot* dão ênfase ao igualitarismo comunitário. Elas não seguem o modelo clerical, que consiste na participação hierárquica de cima para baixo de poder. Nessas comunidades judaicas, todos são participantes iguais, e a comunhão é o que permeia a essência das mesmas.

Para Saldarini³ as comunidades piedosas de Israel, como as *havurot*, são associações ou sociedades. Segundo o autor, em tais grupos podem-se encontrar características específicas que os identificam, mas não é possível definir a natureza dos mesmos. Estes grupos se encontram no mesmo contexto dos essênios (Qumrã), que

1 KLEIN, Ralph W. *Israel no exílio: uma interpretação teológica*. São Paulo: Paulus, 2012.

2 Ibid.

3 SALDARINI, Anthony. *Fariseus, Escribas e Saduceus na Sociedade Palestinense: uma abordagem sociológica*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 228-232.

eram os círculos fechados do judaísmo de pureza ritual e alimentar. Também podemos ver nesses grupos uma espécie de ramificação farisaica. Em suma, as *havurot* se identificam como o grupo dos associados que se diferenciavam do povo da terra e eram aptos para o seguimento piedoso dos judeus.

Vale ressaltar que as práticas desses grupos eram semelhantes às conhecidas quatro características encontradas no considerado primeiro grande sumário de Atos 2,42-47, especialmente em At 2,42, que é o objeto de nossa pesquisa: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações”. As *havurot* se reuniam em torno do Templo e da Lei, participavam do ensino comum das Escrituras e da comensalidade fraterna, e tinham a partilha de experiências comuns. Isso tudo evidencia ainda mais para nós que a comunhão fraterna da comunidade de Atos, segundo escreveu Lucas, recebeu possivelmente forte herança ritual-cultural das práticas fraternais dos piedosos judaicos, embora não necessariamente farisaicas, segundo a opinião de Saldarini⁴.

H. I. Marshall, em sua obra *Atos: Introdução e comentário*⁵, faz um resumo da vida da igreja primitiva (2,43-47), além de trazer o contexto teológico dos versículos afins. Marshall também trabalha a perspectiva comparativa de tradições e roupagens diversas que se encaixam com a temática da *koinōnía* dos apóstolos. Sobre a possível herança comunitária de Atos, temos a perspectiva de Qumrã (1 QS6). Vejamos o que o autor nos descreve sobre isso:

Não seria surpreendente, sendo que sabemos que pelo menos um outro grupo contemporâneo judaico, a seita de Cunrã, adotou este modo de vida (1QS6); Filo e Josefo, nas suas descrições dos essênios (com os quais usualmente se identificam os cunranitas), dizem a mesma coisa.

É provável que, no primeiro impacto de entusiasmo religioso, a igreja descrita por Lucas em Atos dos Apóstolos tenha vivido dessa maneira; os ditos de Jesus acerca da abnegação podem ter sugerido esse modo de vida. Para o autor, a comunidade dos Atos dos Apóstolos tinha um ideal comunitário sim, mas não se tratava de um círculo fechado em si mesmo.

4 SALDARINI, o.c., p. 231.

5 MARSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980.

2.1.2 Os essênios

J. Fitzmyer, em seu comentário sobre os Atos dos Apóstolos, nos fala sobre a possível influência da vivência fraterno-piedosa dos essênios sobre a comunidade dos Atos dos Apóstolos⁶.

J. Schattenmann menciona que, de acordo com o historiador Flávio Josefo (*Guerra*, 2, 119-161) e o filósofo Filo (*Omn. Prob. Lib. 12-13*), a vivência em comunidade dos essênios tinha por base a igualdade de seus componentes⁷. Os membros da comunidade devem se despojar de suas posses⁸. Tinha-se a obrigação de oferecer todos os seus bens ao patrimônio comunitário. Para compreender melhor, podemos contrastar com a solidariedade de grupos de amigos na cultura grega. Diferentemente da cultura grega antiga, os essênios não possuíam uma visão fraterna ou filantrópica da comunidade de bens, mas consideravam-na uma obrigação ritual de pureza da piedade judaica. Segundo a compreensão piedosa dos essênios, a posse individual de bens e de dinheiro era classificada como pecado de impiedade que se discernia como uma quebra da Lei de Deus. Para um essênio, possuir dinheiro individualmente, era o mesmo que possuir a própria impiedade como mancha de impureza. Por esse motivo os qumranitas abriam mão de tudo quanto tinham. Filo, em *Vit. Cont.*, 25, nos conta sobre a existência de um movimento de judeus, tanto de homens quanto de mulheres, que optaram por uma vida monástica. Não possuíam bens próprios e se dedicavam na maior parte do tempo ao estudo das Escrituras Sagradas. O termo *monastérion* (“mosteiro”) aparece de modo inédito neste texto de Filo⁹. No século IV d.C., havia comunidades cristãs que mantiveram a opção por uma vivência mais contemplativa e reclusa. A tradição monástica, mesmo com o salto na história, segue a mesma linha dos essênios de Qumrã. Sob a inspiração da fraternidade dos essênios, os cristãos piedosos do séc. IV d.C. passam a ter uma vida profunda de comunhão de bens.

6 FITZMYER, Joseph A. *The Acts of the Apostles*. New York: Anchor Bible, 1998.

7 SCHATTENMANN, J. koinōnía. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 377-382.

8 Ibid.

9 Ibid.

2.1.3 Outras considerações

Segundo o tratado *Pesaḥim* 7,3a,13a, *ḥavurá* significa “comunhão”. É a irmandade da Páscoa¹⁰. Vejamos: “Um dia, o Santo [Deus]... preparará uma festa para os devotos”. Nessa mesa escatológica, o rei Davi servirá o cálice de vinho. Segundo o autor, essa refeição do Fim nos remete ao trecho evangélico de Lc 22,19 e ao Ensino dos Apóstolos (*Didaqué*) 9,2.

K. Grünwaldt¹¹ nos aponta a perspectiva comunitária presente na organização social israelita do Antigo Testamento como sendo luz para a comunhão de Atos 2. Para ele, o Código Deuteronômico contém uma profunda ética de igualdade social, alimentada pela fé em YHWH. O Senhor é Deus de libertação e pureza, que sonha com uma comunidade de homens livres e felizes (cf. Dt 15,15). A balança justa da igualdade atende aos pobres, aos órfãos e às viúvas (cf. Dt 14,28ss). Segundo este autor, “em sua orientação social e sua busca por uma sociedade justa de homens iguais, o CD [Código Deuteronômico] atende à profecia do AT”¹².

2.2 “Unidos como irmãos” (Sl 133)

O salmo 133 descreve a excelência do amor fraternal e marca de modo bem significativo toda a visão neotestamentária de unidade. Alonso Schökel, ao interpretar tal salmo, cita o belíssimo comentário de Agostinho:

Essas palavras do saltério, esse doce som, essa suave melodia, cantada e compreendida, gerou os mosteiros. Esse som despertou os irmãos que desejaram habitar juntos; esse versículo foi seu clarim. Soou por toda a terra, e os que estavam separados se congregaram¹³.

Na transposição cristã que o exegeta faz em seu *Comentário aos Salmos*, Schökel nos esclarece que a unidade cristã é expressa pela simbólica expressão paulina: “o bom perfume de Cristo” (cf. 2Cor 2,14-15).

A Bíblia Pastoral, no comentário do salmo 133, entende-o como uma “meditação em estilo sapiencial, celebrando a fraternidade do povo, reunido em Jerusalém para as festas.” Afirma que:

10 Ibid.

11 GRÜNWALDT, K. *Olho por olho, dente por dente?* O Direito no Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2009.

12 GRÜNWALDT, o.c., p. 33

13 SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1537.

A união do povo tem valor semelhante ao da própria unção sacerdotal: o povo reunido é o grande sacerdote que serve e proclama o seu Deus. Ao mesmo tempo, essa união traz fertilidade e vida, que se concretizam numa sociedade e histórias novas¹⁴.

Para Schökel e Carniti, o Sl 133 é uma bem-aventurança ou beatitude. O salmo em questão se encontra na sequência dos salmos graduais, que nos apontam um crescendo psicológico-existencial: da dor da discórdia e da hostilidade (Sl 120) à esperança de Jerusalém que revela a paz de seu próprio significado, “paz em muralhas e em palácios” (Sl 122). Um pouco mais adiante, vemos a paz se espalhar e reinar em todas as famílias (Sl 127-128), até chegar no Sl 133 que exalta a vivência fraterna como dom.

Passando pela história de fé dos hebreus, vemos a dinâmica da fraternidade se estendendo em muitos casos. Entre eles, temos a quebra da comunhão fraterna desde o princípio da criação, no primeiro fratricídio quando Caim mata Abel, seu irmão de sangue. Depois, Abraão e Ló rompem com a unidade fraterna de tio e sobrinho para que houvesse paz entre eles. Ismael e Isaque; Esaú e Jacó; José e seus irmãos são outros exemplos de conflitos entre irmãos. Segundo o autor, o livro do Gênesis pode ser considerado como o grande livro da fraternidade. Opinião semelhante é expressa por André Wénin, nos seus estudos sobre o tempo patriarcal¹⁵.

Ainda segundo Schökel, a concepção e a percepção de irmandade se prolongam e se alargam até as histórias de conflito e divisão tão marcantes na história bíblica. Vai de Jefté, que fora expulso por seus meio-irmãos, até chegar a Absalão e Amnon. Passam pelos dois reinos de Israel (Norte) e Judá (Sul), que nos revelam a existência da divisão entre os irmãos e, na mesma linha, manifestam-se na seleção entre os samaritanos e os judeus, no tempo de Neemias¹⁶.

O Sl 133 serve para todos esses exemplos. Estamos em contato com a realidade da separação, do desterro, da divisão ou da quebra da irmandade do povo. Segundo o autor do salmo surge uma questão a ser respondida: quando devemos promover a fraternidade? A resposta consiste em sempre promover a unidade entre os irmãos. Assim como a comunhão fraterna de Atos se movimenta na fraternidade piedosa

14 BÍBLIA Sagrada, Edição Pastoral, 1990, p. 316-317.

15 WÉNIN, André. *José ou a invenção da fraternidade: leitura narrativa e antropológica de Gênesis 37-50*. São Paulo: Loyola, 2011; *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano: leitura de Gênesis 1,1-12,4*. São Paulo: Loyola, 2011.

16 ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, o.c., p. 1534.

do judeu-cristianismo e da fraternidade gentílica – pois agora, são todos um no Senhor –, assim também a fraternidade mencionada no salmo apontava pelo menos duas distinções: a familiar, sanguínea, genética, estrita, nacional; e a fraternidade profana, que não distinguia etnia e pertencas a clãs específicos, mas abria o leque para uma comunidade universal de irmãos, o que é luz para nossa pesquisa e busca de conceber uma *koinōnía* que seja também de viés e semântica universais, na unidade da fé em Cristo.

Os autores Alonso Schökel e Carniti trabalham com algo muito significativo: eles usam as duas imagens presentes no salmo, a saber, a imagem do azeite perfumado e do orvalho copioso. Segundo a análise dos autores, são duas imagens paralelas e comparativas. As imagens são usadas de modo ilustrativo para extrair a mensagem da graciosidade que é viver em unidade, seja familiar, seja em comunidade de tribos, seja na mais plena e ampla compreensão fraterna da comunhão do culto, sendo esta litúrgica e nacional. Para eles, as coisas criadas servem de modelo para se entender os mais profundos significados da vida fraterna. Exemplo disso é a figura de linguagem do aroma que traz a significância de uma vida fraterna impregnada do amor fraternal¹⁷.

Sílvio Dutra¹⁸ aponta para a comunhão e a unidade que seriam promovidas pelo Senhor na vida de seu povo. O salmo é profético no que diz respeito ao ideal de vida comum que vemos tão presente na igreja de Atos. Dutra interpreta que a igreja viveria como corpo harmônico em consonância com a “cabeça” (cf. 133,2) que, é Cristo. Essa união é preciosa para o Senhor assim como o é a própria unção que a promove. A unção espiritual dos crentes é figurada na Lei de Moisés pelo óleo que ungiu a Arão para o exercício do seu ofício. Os cristãos são sacerdotes que só podem exercer seu sacerdócio mediante a unção que produz a união fraterna. A unidade entre os irmãos gera a vida e a paz, para que o bem comum não só do Povo de Deus, mas de toda a humanidade se estabeleça. A unção do amor fraterno e da comunhão do Espírito é criadora de um refrigério simbolizado pelo orvalho copioso de Hermon. Segundo o autor, Sião representa não só a comunidade de Israel reunida em Jerusalém, mas também

17 ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, o.c., p. 1535.

18 Comentário em transposição cristã do salmo. Cf. DUTRA, Sílvio. Comentário da Bíblia: Velho Testamento: Salmo 133. Disponível em: <http://livrosbiblia.blogspot.com.br/2012/12/salmo-133-salmo-de-davi.html>.

representa a igreja primitiva reunida em Jerusalém em torno do Corpo e do Sangue do Senhor.

Para Dutra, a unção espiritual dos crentes gera alegria no coração dos irmãos, alegria que é expressa pela prática da vivência fraterna tão presente em Atos (cf. 1,12-14; 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16). Para Dutra, não foi só o fato de Jesus ter orado por tal unidade¹⁹ que a tornou fator determinante para que fosse possível sua vivência, mas sim porque Jesus morreu na cruz pelos nossos pecados e foi glorificado para que o Espírito fosse derramado em Pentecostes sobre a comunidade de fiéis, como Lucas nos descreve em Atos 2.

2.3 As comunidades cristãs e a óptica comunitária no Novo Testamento

2.3.1 As tradições da ceia

Quanto às comunidades cristãs e a óptica comunitária, encontramos duas tradições neotestamentárias acerca do valor comunitário, sua orientação prática a ser seguida e também como bênção universal para as comunidades.

Num primeiro momento, temos a clássica exortação paulina referente à Ceia do Senhor, na Primeira Carta aos Coríntios. Essa tradição paulina casa perfeitamente com a de Lucas (cf. Lc 22,19-23), os elementos lexicais confirmam isso (*eukharisteîn*, “dar graças”). A ação de graças pelos elementos da Ceia é comum tanto em Paulo quanto em Lucas (cf. 1 Cor 11,24//Lc 22,19).

As outras duas tradições da Última Ceia, e que se complementam teologicamente, são as de Marcos e de Mateus (cf. Mc 14,22-26; Mt 26,26-30), que, em vez do “tendo dado graças” de Jesus, colocam na sua boca a bênção judaica da refeição, ou *beraká*: “abençoando-o” (cf. Mc 14,22// Mt 26,26).

Dois textos paulinos são importantes: 1Cor 11,17-34, que nos ensina sobre o fraterno cuidado comunitário em relação à Eucaristia, e o texto da bênção de Paulo à igreja de Corinto, 2Cor 13,13, que forma a assim chamada bênção apostólica. A tríplice bênção comunitário-eclesial em 2Cor 13, 13, faz referência à comunhão do Espírito: “A

¹⁹ A oração intercessória de Jesus nos discursos de despedida. As passagens que falam da unidade dos irmãos: Jo 17,11.21.22.23. Cf. DUTRA, Sílvio. Comentário da Bíblia.

graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a *comunhão* do Espírito Santo sejam com todos vós”.

Algo que é de profunda esperança escatológica e que revela o pleno cumprimento de nossa fé, mostrando a nós o profundo ideal comunitário, é a visão simbólico-litúrgica que João nos descreve em Ap 22,1-5:

Então me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele. Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.

Outros textos comparáveis são: 1Cor 1,9; Gl 2,9; Fl 2,1; 3,10; 1Jo 1,3.

2.3.2 Comunidade, amor, hospitalidade

Brown²⁰ aborda o tema da *koinōnía* dentro da perspectiva do amor fraternal. Segundo o autor, a Primeira Epístola de João descreve a permanência em Deus, que é muito semelhante à leitura da “imanência joanina”, no Quarto Evangelho²¹. O amor entre os irmãos é condição *sine qua non* para que seja cumprido o único e suficiente mandamento, não só das Escrituras, mas daquilo que Jesus deixou a todos nós. Brown aborda a problemática separatista da comunidade joanina do I séc. Muitos dos irmãos apostataram da fé em Jesus segundo o primordial preceito joanino da caridade fraterna, quebrando assim com a *koinōnía*, isto é, com a comunhão fraternal²².

Mencione-se de modo especial a prática da hospitalidade apostólica, colocada em pauta na Terceira Epístola de João, dando ensejo a duras críticas ao separatista individualista Diótrefes²³.

O autor da Epístola aos Hebreus também enfatiza a importância da permanência no amor fraterno, que inclusive está ligada à hospitalidade. “Seja constante o amor fraternal. Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o

20 BROWN, R. E. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 136-141.

21 A “imanência joanina”, em Jo 15, é expressa pelos verbos “permanecer”, “estar”, o que indica uma unidade de vida entre Cristo e a Igreja.

22 BROWN, 2009, p. 138.

23 SILVA, Gilmar Ferreira da. *Cooperadores com a verdade: testemunho da caridade como manifestação da verdade na terceira Carta de João*. Belo Horizonte: FAJE, 2006. (Dissertação).

saber acolheram anjos” (Hb 13,1-2). O que Hb 13,1-2 nos diz está presente não só na perspectiva hospitaleiro-evangélica do Novo Testamento, mas está presente em toda a Escritura, encontrando respaldo inclusive, na enigmática narrativa do aparecimento de três anjos a Abraão nos carvalhais de Mambré (cf. Gn 18,1-16).

A hospitalidade cristã em Hb 13,1-2 está diretamente ligada ao cerne do teor comunitário do Novo Testamento e tem traços semelhantes ao estilo de vida da comunidade de Atos. Vejamos: “Diariamente perseveravam unânimes no Templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam refeições com alegria e singeleza de coração” (At 2,46). Nota-se que a *koinōnía* (comunhão) de At 2,42 também engloba o sentido conjunto da hospitalidade cristã.

2.3.3 A comunidade em Lc 24

José Tolentino Mendonça em sua obra *O tesouro escondido: Para uma busca interior*²⁴, fala sobre a hospitalidade cristã a partir da análise literário-teológica da perícopes de Lc 24,13-35, que narra a aparição do Ressuscitado aos dois discípulos no caminho de Emaús. A hospitalidade exercida para com Jesus é de fundamental importância para entendermos o teor da *koinōnía* que está por detrás desse texto. Para Tolentino, a imagem da mesa, do assentar-se à mesa para comer junto o pão, é significativo, indicativo de comunhão. Podemos ver, nessa perícopes de Lucas, as características basilares da vivência prática da fé presente na Igreja de Atos: “o ensinamento dos apóstolos e a comunhão, o partir do pão e as orações” (cf. At 2,42). Na narrativa dos discípulos de Emaús, em Lc 24,13-35, o ensinamento dos apóstolos é um com o de Cristo, e assim deve ser compreendido; e a comunhão profunda entre Jesus e os dois discípulos vai sendo estabelecida após a abertura das Escrituras diante dos olhos deles. Segundo Lucas, Cristo lhes abre o entendimento acerca do que deveria se cumprir nele mesmo, e que se encontrava na “Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos salmos” (cf. Lc 24,27; cf. 24,44). E, por fim, o momento litúrgico-espiritual acontecido entre eles: o partir do pão de Jesus (cf. Lc 24,30) que revela quem de fato era aquele que falava com eles. A consequência dessa aparição misteriosa, mas profundamente esclarecedora para nossa compreensão de fé, faz com que logo os discípulos saiam anunciando o evangelho. Tudo isso, porque primeiramente foi estabelecido um profundo vínculo de acolhida,

24 TOLENTINO Mendonça, José. *O tesouro escondido: para uma busca interior*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 95.

partilha e amor entre Jesus e aqueles discípulos. Abaixo um quadro comparativo com as “quatro características” de At 2,42 em Lc 24,13-35:

<p>Lc 24,13-35</p> <p>Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. E iam conversando a respeito de todas as coisas sucedidas. (comunhão)</p> <p>Aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles. Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer. Então, lhes perguntou Jesus: Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais? E eles pararam entristecidos. Um, porém, chamado Cleopas, respondeu, dizendo: És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias? Ele lhes perguntou: Quais? E explicaram: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo, e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam. É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram. Então, lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras. (doutrina dos apóstolos)</p> <p>Quando se aproximaram da aldeia para onde iam, fez ele menção de passar adiante. Mas eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque é tarde, e o dia já declina. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu; então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles. (partir do pão e orações)</p> <p>E disseram um ao outro: Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras? (doutrina dos apóstolos)</p> <p>E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém, onde acharam reunidos os onze e outros com eles, os quais diziam: O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão! (comunhão)</p> <p>Então, os dois contaram o que lhes acontecera no caminho e como fora por eles reconhecido no partir do pão. (partir do pão e/ou Eucaristia)</p>	<p>At 2,42-47</p> <p>E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.</p> <p>Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.</p>
---	---

2.3.4 A continuidade das comunidades judaicas e cristãs

Na teologia cristã temos autores que se dedicaram a compreender a perspectiva linear da história a partir da história do povo hebreu. O Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus dos pais, remete-nos a uma continuidade histórica bem explícita na

fé hebréia. YHWH é Deus de maravilhas, que faz proezas no meio do seu povo e assim é lembrado nos cânticos da fé judaico-cristã. A memória é algo fundante para Israel, pois, lembrando os feitos de Deus seu a favor, a fé é construída²⁵. O Sl 137 mostra que o povo de Deus tinha saudades de Sião, de sua pátria, das belezas que havia na sua Terra e do contato profundo que tinham com Deus. Segundo R. Klein, o povo de Israel havia perdido três principais bases sem as quais nenhum povo era povo, e nenhuma nação era nação. Esses três pilares de uma sociedade bem formada eram: Pátria, Templo e Rei. O Templo era o mantenedor do privilégio de Israel em relação aos povos circunvizinhos²⁶.

H. Conzelmann, J. Jeremias e J. P. Meier nos trazem mesma visão por abordagens diferentes. Israel, Jesus e a Igreja são entendidos como três tempos históricos bem definidos, mas inseparáveis. Na obra *El Centro del Tiempo*, de Conzelmann, esses três aspectos serão trabalhados de modo bem unitário. Para Conzelmann, Lucas identifica Jesus como o centro do tempo da História da Salvação. Entre Israel e a Igreja, está Jesus como chave de compreensão para tudo que veio antes e depois dele²⁷. Em J. Jeremias, temos uma aproximação sociológica do tempo de Jesus, mas também a clara percepção de que tanto a história quanto a fé judaicas são unidas ao contexto histórico, social, cultural e religioso do cristianismo nos primeiros séculos²⁸. Já com J. P. Meier, entramos mais especificamente na busca do Jesus histórico (*Second Quest*). Segundo Meier, não devemos procurar uma “pureza histórica” em Cristo quando este é relacionado aos judeus e à Igreja Primitiva. Tanto Israel, Jesus e a Igreja, deixam traços bem marcantes no tempo histórico de cada um. Em outras palavras, para se falar de Jesus, é preciso que seja levado em consideração o judaísmo de Jesus e, para se falar da Igreja, é preciso falar de Jesus, o judeu. Podemos dizer, portanto, que não há cristianismo sem judaísmo, e que ambos não existem sem a figura do Jesus histórico.

As primeiras comunidades viviam em torno do Templo e das práticas piedosas judaicas, a saber, as orações²⁹, o partir do pão com a bênção³⁰ e o ensino dos

25 Ver também os Sl 126 e o Sl 136 que falam da memória dos feitos do Senhor a favor de seu povo.

26 KLEIN, R. *Israel no Exílio: uma interpretação teológica*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 272.

27 CONZELMANN, Hans. *El centro del tiempo: estudio de la teologia de Lucas*. Madrid: Fax, 1974.

28 JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983.

29 Ver a tradição dos salmos de Halel – Sl 113-118 por exemplo.

30 Tradições marcana e mateana da última ceia – cf. Mc 14,22-26; Mt 26,26-30.

apóstolos, que é uma ressignificação cristã à luz da Lei e dos Profetas³¹. Temos o clássico exemplo de At 3,1, que narra o episódio dos apóstolos Pedro e João indo ao Templo para a oração das três horas da tarde: “Pedro e João subiam juntos ao Templo à hora da oração, a nona”. Vemos aqui, uma clara reminiscência judaica na prática de fé dos primeiros cristãos.

Na obra de Ratzinger³², o contexto da continuidade histórico-teológica entre Cristo e sua Igreja, é identificado pela expressão lucana “tempos dos pagãos”.

À primeira vista, parece que Lucas teria sido o único a atenuar essa ligação. Escreve ele: “E cairão ao fio da espada, levados cativos para todas as nações, e Jerusalém será pisada por nações até que se cumpram os tempos dos pagãos” (21,24). Entre a destruição de Jerusalém e o fim do mundo inserem-se “os tempos dos pagãos”. Censurou-se a Lucas o fato de assim ter deslocado o eixo cronológico dos Evangelhos e da mensagem originária de Jesus, de ter transformado o fim dos tempos no tempo intermédio, inventando desse modo o tempo da Igreja como nova fase da história da salvação.³³

Há uma continuidade histórico-teológica bem definida entre as comunidades judaicas e cristãs e o fator decisivo para tal conexão é a vida de Jesus que lança bases para uma nova história da fé no centro de sua morte e ressurreição. É por Cristo Jesus que relemos a história de Israel e da Igreja, isto é, do judaísmo e do cristianismo.

Paulo em sua carta cristológica-ecclesiológica fala sobre a união dos gentios aos judeus pela cruz de Cristo. Vejamos:

Portanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intituam circuncisos, na carne, por mãos humanas, naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade. (Ef 2, 11-16)

31 Cf. Lc 24 – Os dois discípulos no caminho de Emaús.

32 RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2001.

33 RATZINGER, 2011, p. 49.

3 A COMUNIDADE DE ATOS 2,42

Para inserirmos a compreensão do Capítulo 2 do livro de Atos dos Apóstolos numa análise total da obra lucana é necessário em primeira instância, apresentar uma visão do contexto de Atos em sua globalidade literário-teológica.

3.1 Contexto literário: Atos 2 no contexto da obra de Lucas

3.1.1. Visão global da obra lucana

Segundo G. Bornkamm há nos quadros teológicos lucanos uma característica peculiar e específica do evangelista, que consiste em narrar uma espécie de "história divina" ou "história da salvação". Pela articulação de períodos e épocas se faz um somatório histórico que se formata no todo da história dos séculos. Essa sensibilidade histórico-teológica já se faz presente no Evangelho de Lucas e está ainda mais presente ainda na continuação da obra do evangelista, a saber, no livro dos Atos dos Apóstolos. Segundo Bornkamm, é uma história teológica, produto do desenrolar das épocas, e não se vê esse tipo de abordagem cristã nas obras dos dois primeiros evangelistas. Bornkamm observa a correlacionalidade entre os textos de At 1,1 e Lc 1,3, sem explicitar exegeticamente o dado teológico.

Na segunda parte de sua obra histórica, também dedicada a Teófilo, Lucas entra em território inexplorado. Não tinha ocorrido a ninguém continuar a história da atividade de Jesus na Terra com a descrição da disseminação da mensagem cristã por seus emissários acreditados e, neste sentido, escrever uma história da Igreja. E também depois, ninguém imitou o que Lucas fez. Assim ele tornou-se o primeiro historiador da Igreja [...], mas com uma cláusula: É historiador em sentido teológico. A história de Lucas é uma história da salvação. Como no Evangelho, é historiador e teólogo ao mesmo tempo.¹

O autor ainda nos aponta algo bastante relevante para a nossa pesquisa, que é a temática histórico-teológica da *continuidade entre judaísmo e cristianismo*. Segundo Bornkamm, "o cristianismo, consagrado pela revelação de Deus no Antigo Testamento e

1 BORNKAMM, Günther. *Bíblia Novo Testamento: introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 79.

confirmado pelo cumprimento da profecia na história, é o herdeiro legítimo da verdadeira religião dos pais, à qual os próprios judeus foram infiéis"².

Lucas não faz história no sentido moderno, faz historiografia Sagrada. O material usado pelo evangelista para a composição da história da Igreja era muito diversificado dos materiais que foram usados para a redação do seu Evangelho. O que chegou às mãos de Lucas estava espalhado e difuso, e não se sabe como ele conseguiu tais materiais. Não há possibilidade de dizermos se o evangelista usou fontes fixadas por escrito e, caso tenha usado, não se pode dizer em que quantidade. Sabe-se que foram coletados muitos relatos históricos e que Lucas fez um comentário de qualidade de tudo aquilo que pode conhecer. Vejamos o que diz o *prefácio* do seu Evangelho:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído. (Lc 1,1-4; cf. At 1,1)

O que Bornkamm pretende passar em sua análise de Lucas acerca da busca histórica e do modelo histórico lucano está bem explícito na citação do próprio texto como vemos acima. O autor ainda nos apresenta um resumo temático da história lucana. Vejamos: "Estes relatos tratavam de acontecimentos, milagres, façanhas, dados, rotas de viagens, e dos lugares, pessoas e comunidades visitadas"³. Segundo Bornkamm, Lucas se destaca como historiador não pelo fato de nos conceder detalhes narrados como faz um pesquisador científico, mas sim pela vivificação e dramatização do que conta. O comentador nos aponta mais uma faceta lucana e que é de suma importância, a saber, os discursos presentes em Atos. Bornkamm diz que esses discursos, tão marcantes na história de Lucas, fazem diálogo com a contemporaneidade do escritor do Evangelho. São no total *vinte e quatro* quadros esquemáticos de narração em Atos. Segundo observa Bornkamm, "o que Lucas escreve como historiador dificilmente pode ser considerado como testemunha confiável dos eventos reais segundo critérios modernos"⁴.

2 BORNKAMM, 2003, p. 81.

3 BORNKAMM, 2003, p. 82.

4 BORNKAMM, 2003, p. 83.

3.1.2. Atos 2 no seu contexto

Pelo início do evangelho de Lucas e do livro de Atos temos o critério interno que evidencia o conjunto da obra lucana. Vejamos o paralelismo existente entre os textos:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído (Lc 1,1-4).

Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as cousas que Jesus fêz e ensinou, até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas. A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das cousas concernentes ao reino de Deus. E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias (At 1,1-5).

Temos aqui, em At 1,4-5, a linearidade profético-historial da promessa do Pai, a saber, o envio-derramamento do Espírito sobre toda a carne humana (cf. Jl 2,28-32; Lc 24,49; At 1,8). O cenário da comunidade de Atos é composto pelos assim chamados sumários teológicos, a saber, At 1,12-14; At 2,42-47; At 4,32-35; At 5,12-16. Há mais sumários no livro de Atos, mas estes aqui são os mais importantes. O capítulo 2 de Atos ganha um tom muito preparatório e efusivo, pois, após a descida do Espírito Santo e a pregação petrina em Jerusalém, tudo concorre para a conversão dos ouvintes da Palavra, descritos como três mil pessoas. Entende-se, pois, que a comunidade de Atos não era pequena e nem tão pouco diluída, mas composta de muitos irmãos unidos num único propósito. Nesses relatos de Atos, temos a estrutural composição das cenas ou exposições lucanas de como viviam os cristãos de seu tempo.

Vale ressaltar aqui, nesse mesmo contexto e nessa mesma visão redacional de Lucas, que o autor do Evangelho e de Atos carrega consigo uma tendência histórica bem peculiar. Conhecido como primeiro historiador cristão, Lucas nos faz enxergar o desígnio salvífico na história e nos fatos narrados. Estudos vão nos mostrar que o

evangelista era fiel herdeiro da tradição de Israel e que, por isso, ele sabia que o plano redentor de Deus se concretizava no percurso histórico de seu povo.

O livro de Atos dos Apóstolos é a continuação do Evangelho, a segunda parte de uma mesma obra. A Palavra que chegou a Jerusalém sai de lá para o mundo: a história da salvação continua na vida da Igreja nascente⁵.

3.2 Os “sumários” do início de Atos

Lucas em todo o livro dos Atos dos Apóstolos pinta quadros bem específicos, que se entendem por sumários teológicos. Esses sumários apresentam uma espécie de retrato da comunidade. Os mais clássicos são: At 1,12-14; At 2,42; At 4,32-35; e At 5,12-16.

3.2.1 Sumários maiores e menores

J. Fitzmyer entende os três sumários clássicos lucanos como sendo 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16. Para ele, os sumários descrevem o retrato da comunidade. Para Fitzmyer, At 1,14 faz parte dos considerados sumários menores do livro de Atos. Vale ressaltar que, em nossa pesquisa, consideraremos At 1,12-14 como o primeiro sumário de todos os demais sumários clássicos compostos por Lucas. Para embasar nossa proposta, temos o comentário da Bíblia do Peregrino que entende Atos 1,14 como sendo o primeiro sumário teológico de Atos. Segundo o autor, os sumários descrevem uma imagem ideal da comunidade em Jerusalém⁶.

Johannes Munck, diferentemente dos demais autores, inclui o v. 41 de At 2 como sendo parte do primeiro grande sumário de Atos. Munck começa seu comentário citando o texto de Atos a partir de At 2, 41, sendo Atos 2, 41-47 segundo ele, o crescimento da vida eclesial.

Para R. Fabris, At 2,42-47 é o primeiro dos três “sumários”. Segundo o autor, Lucas em sua redação cria uma complementariedade temática que nos faz perceber claramente a práxis dos apóstolos na Igreja primitiva⁷.

5 CARMO, 2014, p. 69.

6 FITZMYER, Joseph A. *The Acts of the Apostles*. New York: Anchor Bible, 1998. p. 74-77.

7 FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.

A partir dos textos dos Atos dos Apóstolos que Lucas descreve, buscamos os elementos constitutivos para entender como as primeiras comunidades se organizaram e foram a primeira tentativa de viver o projeto de Jesus. No elenco de textos a seguir, serão apontados os elementos constitutivos das primeiras comunidades.

3.2.2 Sinopse dos sumários maiores

1,12-14	2,42-47	4,32-35	5,12-16
Então, voltaram para Jerusalém, do monte chamado Olival, que dista daquela cidade tanto 'como a jornada de um sábado.	E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.	Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum.	Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos. E costumavam todos reunir-se, de comum acordo, no Pórtico de Salomão.
Quando ali entraram, subiram para o cenáculo onde se reuniam Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, filho de Tiago.	Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos.	Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça.	Mas, dos restantes, ninguém ousava ajuntar-se a eles; porém o povo lhes tributava grande admiração.
Todos estes perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele.	Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum.	Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes	E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor,
	Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade.	e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade.	a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles.
	Diariamente perseveravam unânimes no Templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração,		Afluía também muita gente das cidades vizinhas a Jerusalém, levando doentes e atormentados de espíritos imundos, e todos eram curados.
	Louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.		

3.2.3 Atos 1,12-14

Segundo a Bíblia do Peregrino, o primeiro sumário teológico de Atos não seria 2,42-47, como defende a maioria dos autores, mas seria 1,12-14, antes da descida do Espírito e da congregação dos quase três mil fiéis em Jerusalém. Tudo indica que Lucas já começa a nos descrever um ideal comunitário a partir das proximidades e dos laços afetivos de Jesus, quem já havia andado com Jesus e aprendido com ele, compreendia o ideal de Reino, nesse caso, “os discípulos, as mulheres, Maria e os irmãos de Jesus”.

Esse é o primeiro dos famosos sumários de Lucas. Paradas narrativas que olham para trás e para a frente, a fim de resumir, ou deixar cair chaves de interpretação. Pode ser que o aprendeu das paradas retrospectivas ou prospectivas de narradores bíblicos (p.ex. Jz 2,11-23; 2Rs 17)⁸.

Em At 1,14 encontramos a mesma composição lexical na narração dos fatos. Tanto em At 1,14 quanto em At 2,42 aparece o verbo *proskarteréō*, “perseverar”. Vejamos:

At 1,14: Todos estes *perseveravam* unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele.

At 2,42: E *perseveravam* na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.

A Bíblia Sagrada Edição Pastoral, intitula esse sumário como *A Igreja de Jerusalém*, vindo com um subtítulo de *A primeira comunidade*. A vida comum dos primeiros cristãos já se mostra idealizada por Lucas antes mesmo da descida do Espírito em At 2 e das primeiras conversões e dos primeiros ajuntamentos narrados a partir de At 2,42. Vejamos o que nos diz o comentário:

Lucas apresenta a primeiríssima comunidade de Jesus. O *monte das Oliveiras* é o lugar onde começou a paixão (Lc 22,39ss) e, na *sala de cima*, Jesus havia celebrado a última Ceia (Lc 22,12). A comunidade cristã sempre teve como fonte o ato supremo em que Jesus deu a sua própria vida para confirmar o testemunho dado. A presença da mãe de Jesus mostra que a Igreja está em gestação a partir da primeira comunidade,

8 BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2626.

onde todos têm os mesmos sentimentos e buscam continuamente o sentido da sua missão (oração)⁹.

3.2.4 At 2,42-27

Descrição: Veremos abaixo os principais traços da vida fraterna da comunidade de Atos. Serão pontuadas: a fidelidade ao ensino dos apóstolos; a fidelidade na comunhão; as orações; a fração do pão; a venda e a partilha dos bens; a alegria; a simpatia do povo e o acréscimo de pessoas para a fé.

- Era um grupo de fiéis ao ensinamento dos apóstolos.
- Fiéis na comunhão fraterna
- Nas orações diárias, no Templo e em casa.
- Na fração do pão.
- Vendiam seus bens, dividiam segundo as necessidades.
- No Templo, nas casas com alegrias e simplicidade de coração.
- Louvavam a Deus e atraíam a simpatia do povo
- A cada dia o Senhor acrescentava mais pessoas, ao número deles.

A Bíblia Edição Pastoral, afirma:

Lucas apresenta o primeiro retrato da comunidade cristã. Ela nasce do anúncio fundamental que provoca a conversão; cresce graças à catequese evangélica (ensinamento dos apóstolos) e se espalha através do testemunho. Internamente, a comunidade se mantém pela união com Deus (oração no Templo) e pela participação na Páscoa de Jesus (fração do pão = Eucaristia). Na vida prática, a conversão se exprime por um novo modelo de relações: a fraternidade substitui a opressão do poder, e a partilha dos bens supera a exploração do comércio. A única autoridade é Deus, e se exprime através de prodígios e sinais que acompanham o testemunho dos apóstolos (temor). Para Lucas, a vida dessa comunidade mostra o ideal da Igreja e o projeto de nova sociedade¹⁰.

⁹ BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990, p. 1389.

¹⁰ Ibid. p. 1393.

3.2.5 Atos 4,32-35

Descrição: Veremos abaixo outros importantes traços de vida fraterna na comunidade de Atos. São eles: A unidade do coração e da alma dos fiéis; a comunidade de bens; o testemunho apostólico; a igualdade; a venda e a partilha dos bens e a justa distribuição dos bens.

- As primeiras comunidades cristãs eram um só coração e uma só alma.
- Tudo entre eles era comum.
- Aceitação do testemunho dos apóstolos.
- Não havia necessitados entre eles.
- Vendiam seus bens e os depositavam aos pés dos apóstolos.
- Distribuição a cada um segundo a sua necessidade.

3.2.6 Atos 5,12-16

Descrição: Ainda veremos abaixo, outros importantes traços que marcaram a vida comum dos primeiros cristãos. São eles: a reunião no pátio do Templo; os novos adeptos; os prodígios e sinais.

- Todos se reuniam no pórtico de Salomão.
- Mais e mais aderiam ao Senhor pela fé no Jesus morto e ressuscitado.
- Doentes eram curados pelos apóstolos

3.3 Análise de Atos 2,42

3.3.1 As “quatro características” da comunidade

As “quatro características” da Igreja Primitiva ou os “quatro elementos” da comunidade de Atos: o ensinamento dos apóstolos; a comunhão; o partir do pão e as orações (cf. At 2,42) serão analisados por muitos autores, tendo o próprio contexto de Lucas como base referencial.

3.3.1.1 Ensino

Para J. Fitzmyer¹¹, o “ensino” dos apóstolos significa mais que *kérygma*, significa mais que “a proclamação” acerca da morte e ressurreição de Cristo. Para ele, o ensino dos apóstolos era a base de existência para as igrejas se analisado no âmbito de Lucas.

Segundo o documento *Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia*¹², o ensino dos apóstolos consistia na palavra dos apóstolos que é a nova interpretação da Lei a partir da experiência da ressurreição. Conforme esse documento, houve uma ruptura bastante encorajadora por parte dos cristãos em relação ao ensino dos escribas, que eram os doutores daquele tempo. Os irmãos passaram a seguir o testemunho dos apóstolos. O Documento usa a referência de 1Ts 2,13 para dizer que a palavra dos apóstolos era considerada a própria Palavra de Deus para os irmãos da comunidade.

3.3.1.2 Comunhão fraterna

No Novo Testamento, a base da comunhão ou *koinōnía* é a união de Jesus com a comunidade dos fiéis. Essa união é também experimentada na prática da vida diária. Os mesmos laços que ligam o indivíduo a Jesus também o ligam a outro fiel. As cartas do Novo Testamento descrevem esses laços como algo genuíno e vital, um nível profundo de intimidade que pode ser experimentado entre os membros de uma igreja local.

A comunhão, liga três ações distintas que se complementam mutuamente: o partir do pão, a adoração e a oração. Foi no partir do pão que os Apóstolos reconheceram a Jesus e foi no partir do pão, chamado de comunhão, que eles celebraram a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, em obediência à instrução da Última Ceia: "Fazei isto em memória de mim".

Fitzmyer¹³ vê a *koinōnía* como “forma de vida comum”. Para ele, *koinōnía* é o primeiro nome identitário da Igreja de Atos segundo Lucas. Outras designações serão usadas, como *ekklēsia*, que é a mais comum para identificar a comunidade cristã. *Koinōnía* e outras designações são marcas para a compreensão da Igreja que se

11 FITZMYER. o.c., p. 97.

12 CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Documentos da CNBB, 100).

13 FITZMYER. o.c., p. 269.

identifica, primordialmente, como irmandade, unidade fraterna. L.-M. Chauvet, em *Sacramento y Símbolo*¹⁴, aborda a perspectiva da *koinōnía* em Atos. O autor fala sobre a visão lucana de modo geral. Apresenta algo novo como o tema do *homothýmadon*, “todos eles, ou, unanimemente”, que aparece 4x em Atos (1,14; 2,46; 4,24; 5,12). A unanimidade também é tema central para a compreensão total da comunhão fraterna dos primeiros cristãos. E aqui, podemos ter conseguido mais um critério textual que comprove ser At 1,14 um *sumário teológico* trabalhado pelo evangelista.

Chauvet usa J. Dupont para abordagens específicas que estão inclusas no todo da interpretação da comunhão na Igreja de Atos. Segundo ele, Dupont usa a óptica da “transferência jurídica de propriedade, que é vista em Lucas como valor de fundo histórico-cultural. Temos também a discussão que será vista com maior detalhamento no próximo tópico de nossa pesquisa, a saber, a problemática acerca da redação de Lucas. Outro viés apontado pelo nosso autor é que há um ideal de comunidade no Antigo Testamento da “não existência de pobres no meio do povo de Deus” (cfr. Dt 15, 4), mais uma colaboração teológica para a compreensão da vida cristã comunitária.

Há ainda em Chauvet a descoberta de uma ética profunda em Lc-At. Não é o fato de ser pobre, mas sim o solidarizar-se com o pobre, para que a comunidade dos irmãos tenha igualdade e dignidade humana. A *koinōnía* fraterna só existe mediante a caridade fraterna. Podemos encontrar ainda análises sobre a unidade nos seguintes textos: Jo 17 na unidade de Cristo e a Igreja; At 9,5 na identificação de Cristo com os cristãos perseguidos por Paulo; At 5,14 em um dos *sumários* vemos a unidade de Cristo e os que aderiam à fé, a expressão lucana para tal compreensão é “agregados ao Senhor”. Em Mt 25, na apocalíptica dos evangelhos, vemos a unidade de Cristo com os pequeninos identificada pela expressão jesuânica “fizeste a mim” e, por fim, Lc 24. Há em torno desse texto evangélico uma busca temático-teológica de tantos autores no olhar da comunhão de Cristo com a Igreja na unidade do Espírito Santo pela celebração da fé pascal. Esse texto também nos apresenta claramente as “quatro características” da comunidade de Atos, a saber, “Ensino, Comunhão, Partir do pão, entendido como a Eucaristia do Senhor, e Orações” (cf. primeiro sumário: At 2,42-47).

14 CHAUVET, Louis-Marie. *Símbolo y sacramento*: dimensión constitutiva de la existencia cristiana. Barcelona: Herder, 1991.

Para o documento ido da CNBB, a comunhão fraterna indicava a atitude de partilha de bens. Os fiéis da primeira comunidade disponibilizavam tudo, fazendo com que não houvesse necessitados entre eles (cf. At 2,44-45; 4,32; 34-35). Havia um ideal profundo no coração dos primeiros cristãos, que era não só ter a partilha dos bens materiais, mas dos bens espirituais, dos sentimentos, dos propósitos, e da experiência existencial, que buscava a superação de todas e quaisquer barreiras advindas da religião, da sociedade, dos gêneros e das etnias (cf. Gl 3,28; Cl 3,11; 1Cor 12,13).

3.3.1.3 Fração do pão, Eucaristia

Podemos usar o Evangelho de Lucas como chave de compreensão da vida comunitária de Atos. Logo, entende-se o “partir do pão” de At 2,42 como elemento conhecido de Lc 24,30-35. Há um elemento lexical muito forte no Evangelho, principalmente no v. 35: “E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido no *partir do pão*”. Segundo J. Fitzmyer, o “partir do pão” é uma formulação que é usualmente encontrada em Lucas para se referir à celebração eucarística dos primeiros cristãos¹⁵.

Ainda o documento ido da CNBB dirá que a fração do pão (Eucaristia) é entendida como herança das refeições dos judeus, com atenção especial à Páscoa. Nessas refeições, o pai partilhava o pão com seus filhos e com os mais necessitados. Para a primeira comunidade, a expressão trazia a memória do partir do pão de Jesus com seus discípulos (cf. Jo 6,11). Lembrava também a atitude de Jesus que fez com que os discípulos tivessem os olhos abertos para a realidade do Ressuscitado no meio deles (cf. Lc 24,30-35). A fração do pão era feita nos domicílios (cf. At 2,46; 20,7).

3.3.1.4 Orações

Temos o clássico exemplo de como a comunidade se reunia para orar e em que consistiam tais orações, qual valor de fé e confissão estavam por detrás. Vejamos em At 4,23-30 a oração dos irmãos em Jerusalém:

Uma vez soltos, procuraram os irmãos e lhes contaram quantas coisas lhes haviam dito os principais sacerdotes e os anciãos. Ouvindo isto, unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há; que disseste por

15 FITZMYER. o.c., p. 269.

intermédio do Espírito Santo, por boca de Davi, nosso pai, teu servo: Por que se enfureceram os gentios, e os povos imaginaram coisas vãs? Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido; porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram; agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra, enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus.

Para Fitzmyer¹⁶, as orações estão relacionadas com a expressão grega: *hè proseukhê*: “todos estes perseveravam unânimes em oração” (1,14). Temos ainda a continuação das orações feitas no Templo (2,46) na mesma óptica da expressão *té proseukhê*: “perseveravam unânimes”. Em todo caso, segundo Lucas, os primeiros cristãos eram comprometidos com uma disciplina comunitária que significava ter comunhão com Deus (cf. Lc 2,44-47). A comunhão existente entre os irmãos na Igreja primitiva era reflexo da comunhão que tinham no Senhor, que tinham com Deus. Fitzmyer cita Joachim Jeremias que vê as “quatro características” da comunidade de Atos como uma ordem em sequência cúlrica do cristianismo primitivo. Após essa consideração, o autor nos leva, para além das “quatro características”, à compreensão do “temor” e dos “sinais e prodígios” apostólicos, até nos levar à plena consciência eucarística de tudo isso.

O documento ido da CNBB afirma que era por meio das orações que os irmãos continuavam unidos ao Senhor e entre si (cf. At 5,12b), e também se fortaleciam no momento das perseguições (cf. At 4,23-31). O documento ainda nos informa da incapacitação dos apóstolos em proclamar a Boa-Nova, caso eles não orassem continuamente (cf. At 6,4).

A perseverança na doutrina dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações unia os seguidores de Jesus na mesma família e estreitava sempre mais seu vínculo com Cristo e com os irmãos. Essa experiência permitia que a própria existência da comunidade fosse essencialmente missionária: “Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, cada dia, o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que eram salvas” (At 2,47)¹⁷.

16 FITZMYER. o.c., p. 269.

17 CNBB, 2014, p. 50.

3.3.2 *Koinōnía* em exame linguístico

Koinōnía é uma forma transliterada grega, que significa comunhão, participação conjunta; a parcela que se tem em qualquer coisa, participação, um dom alegremente distribuído, uma coleção, uma contribuição. Ela identifica um estado idealizado de unidade e comunhão que deve existir dentro da Igreja Cristã, o Corpo de Cristo.

A palavra *koinōnía* abarca os conceitos de comunidade, comunhão, participação conjunta, partilha e intimidade. *Koinōnía* pode referir-se a um dom que é compartilhado alegremente. A palavra aparece 19 vezes na edição crítica do Novo Testamento grego. Na New American Standard Bible, é traduzida como "comunhão" doze vezes, "partilha" três vezes, e "participação" e "contribuição" duas vezes cada um¹⁸. Vejamos mais detalhadamente o significado do termo e seus derivados:

*A Bíblia de estudo - Palavras-chave hebraico e grego*¹⁹ apresenta:

A. *Koinós* – comum, i.e., (literalmente) compartilhado por todos ou muitos, ou (cerimonial) *profano*: comum, corrompido, imundo, profano. Adjetivo com o significado de comum. Particularmente, algo que pertence de igual maneira a todos (At 2,44; 4,32); referente à fé comum, de todos (Tt 1,4) e à salvação comum, de todo (Jd 3). No sentido levita: algo não permitido pelos preceitos mosaicos, e, por isso, comum, i.e., não sagrado; conseqüentemente, o mesmo que cerimonialmente imundo, profano, impuro (Mc 7,2; At 10,14.28; 11,8; Rm 14,14). De modo figurado, impuro, profano, não consagrado (Hb 10,29). Derivados: *koinóō*, tornar comum, imundo; *koinōnós*, um companheiro, parceiro, participante. Sinônimos: *akathártos*, imundo; *anósios*, ímpio, profano.

B. *Koinóō* – tornar (ou considerar) profano (cerimonial): – chamar de comum, profano, corrompido, imundo. De *koinós*, comum. Tornar comum, imundo, corrompido ou profano (Mt 15, 11.8.20; Mc 7,15.18.20.23; At 21,28; Hb 9,13; Ap 21,27); declarar ou chamar de comum ou impuro (At 10,15; 11,19). Sinônimos: *miaînō*, manchar, contaminar; *molýnō*, sujar; *spilóō*, contaminar, manchar.

C. *Koinōnéō* – compartilhar com outros (objeto ou sujeito): – comunicar, distribuir, participar. De *koinōnós*, associado, participante, parceiro. Participar de

18 KOINONIA. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Koinonia>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

19 BÍBLIA de estudo: palavras-chave hebraico e grego. Revista e corrigida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

alguma coisa com outra pessoa, i.e., ter em comum (Rm 15.27; Hb2.14); compartilhar recursos com outras pessoas (Rm 12.13; Gl 6.6; Fp 4.15); em um sentido negativo, compartilhar a culpa (1 Tm 5.22; 2Jo 11). Derivados: *koinōnía*, comunhão; *synkoinōnéō*, compartilhar. Sinônimos: *metékhō*, participar de, compartilhar; *symmerízomai*, ter uma participação em, participar de.

D. *Koinōnía* – parceria, i.e., (literal) *participação*, ou (social)): *intercâmbio*, ou (pecuniário) *caridade*: – comunicar, comunicação, comunhão, contribuição, distribuição. Substantivo de *koinōnéō*, participar de. Ato de participar, compartilhar, por causa de um interesse comum: Participação, comunhão (At 2,42; 1Co 1,9; 10,16; 2Co 6,14; 13,14; Gl 2,9; Ef 3,9; Fl 1,5; 2,1; 3,10; Fm 6; 1Jo 1,3.6.7). Participação, distribuição. No Novo Testamento, uma metonímia para contribuição, arrecadação de dinheiro para igrejas mais pobres (Rm 15,26; 2Co 8,4; 9,13; Hb 13,16). Sinônimos: *eleēmosýnē*, compaixão, beneficência, esmola; *metokhé*, parceria.

E. *Koinōnikós* – comunicativo, i.e., (com sentido pecuniário) *liberal*, *generoso*: disposto a comunicar.

F. *Koinōnós*– alguém que compartilha; i.e., associado, sócio: companheiro, comunhão, participante, parceiro: De modo geral, sobre parceiros (Mt 23,20; Lc 5,10; 2Cor 8,23; Fm 17). Em sentido figurado, sobre os que servem a Cristo, que compartilham as bênçãos divinas (2Co 1,7; 1Pe 5,1; 2Pd 1,4). Derivados: *koinōnéō*, participar de; *koinōnikos*, comunicativo, generoso; *synkoinónos*, parceiro, companheiro. Sinônimos: *metokhos*, parceiro.

O léxico de F. Wilbur Gingrich²⁰ nos traz a seguinte interpretação para *koinōnía* e derivados em Lucas e no NT em geral. Vejamos: *Koinōnía*, associação, comunhão, fraternidade, relacionamento íntimo At 2,42; Rm 15,26; 1Cor 1,9; 2Cor 6,14; 13,13; Gl 2,19; Fl 1,5; 2,1; 1Jo 1,3.6s. Generosidade em 2Cor 9,13; Hb 13,16; talvez Fl 2,1. Sinal de comunhão, dom talvez em Rm 15,26 e 1Cor 10,16. Participação, partilha, compartilhamento 2Cor 8,4; Fl 3,10; Fm 6; talvez 1Cor 1,9; 10,16; 2Co 13,13. *Koinōnikós*, partilhando o que é seu, liberal, generoso 1Tm 6,18. *Koinōnós*, companheiro, parceiro frequentemente com genitivo ou dativo em Mt 23,30; Lc 5,10; 1Cor 10,18, 20; 2Co 1,7;

20 GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento*: Grego e Português. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 118.

8,23; Fm 17; Hb 10,33; 1Pd 5,1; 2Pd 1,4. *Koinós*, adv. em linguagem comum ou dialeto Mc 3,17.

3.3.3 A *koinōnía* espiritual: o resultado de uma análise

R. Fabris²¹ nos oferece uma breve apresentação temático-teológica de Lucas em relação ao desenlace prático dos irmãos da comunidade. Além de elencar a ordem dos versículos e de suas propostas temáticas, o autor nos diz sobre a organização interna e a expressão de vida comunitária que tudo ganhava. O autor enfatiza a expressão grega *proskartereîn* para dizer do compromisso gratuito e da assiduidade dos irmãos na vida fraterna (cf. At 2,46). Como os demais autores, Fabris elencará as principais e mais nítidas características da comunidade de Atos: o ensino apostólico (*didakhē*) visto como herança e tradição e transmissão; a *koinōnía* que é a comunhão fraterna; a fração do pão entendida como refeição comum, e interpretada por tendência escatológica (cfr. Lc 22,14-20; 24,30; At 20,7); e as orações vistas sob o viés da tradição judaica que nos apresenta a continuidade histórico-salvífica em Lucas (entre o Templo e a novidade cristã). Por fim, Fabris nos aponta que a Igreja comunidade era receptora das heranças israelitas, e enfatiza o dinamismo da primeira comunidade que segundo o autor, vivia em intensa espiritualidade, daí a comunhão em todos os níveis e sentidos (cf. At 2,44).

J. Dupont nos apresenta um estudo mais pormenorizado²². Além de analisar o termo *koinōnía* e comparar elucidações de outros autores que acabam por chegar a uma mesma lógica redacional de Lucas, o exegeta aborda os aspectos de comunhão: 1) comunhão de bens: “tinham tudo em comum” (2,44); 2) não havia pobres (reflexo do ideal comunitário israelita segundo o livro do Êxodo); 3) venda das propriedades (cf. At 2,45); 4) comunhão da alma (cf. At 4,32 que é emoldurador na construção redacional lucana). Dupont faz uma abordagem do sentido que se tem da comunhão entre irmãos em Jerusalém. Para Dupont, a *koinōnía* de At 2,42 só pode ser esclarecida à luz de 2,44 e 4,32 que evidencia a comunidade de sentimentos, propósitos, e por consequência, a comunidade de bens.

21 FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1984.

22 DUPONT, Jacques. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974.

A análise exegética dá atenção especial à expressão lucana: “tinham tudo em comum” (2,44). Para Dupont, não se trata simplesmente da comum participação dos bens entre os irmãos na comunidade de bens de modo a revelar a solidariedade cristã. Trata-se de algo ainda mais profundo que isso. É agir de modo contrário a todo e qualquer ato individualista, é o cuidado pelo outro (cf. Fl 2,4; 1Cor 10,24.33;13,5; Rm 15,2). Esta *koinōnía* consiste mais especialmente, em pôr tudo à disposição dos necessitados, sem nada reservar para si só (manifestação concreta e o sinal sensível da união dos corações e das almas). Para Dupont, com o termo *koinōnía*, Lucas transpõe a literatura greco-helenística em relação à amizade. Lucas identifica os primeiros cristãos como “amigos”²³, não como “irmãos”²⁴, e sim como “fiéis”²⁵. Segundo Dupont, o modo unitário de vida dos irmãos é advindo da fé deles em Cristo Jesus. Segundo o autor, é nisto que se baseia sua *koinōnía*.

Dupont identifica que, no livro dos Atos dos Apóstolos, não há os vocábulos *agapáo* e *agápē*²⁶. Todavia, a *koinōnía* contempla a caridade fraterna que é a animadora dos cristãos, isto é, o amor fraterno é o *anima* de toda a vida comunitária. A caridade é a expressão e a manifestação concreta da unidade. A prova da unidade não está somente na questão da amizade para a redação de Lucas, mas está também nas exortações (cf. Fl 1,27; 2,2). Por fim, as notícias da *koinōnía* dos primeiros cristãos aparecem assim como uma ilustração da caridade cristã inseparável da união das almas e da partilha dos bens com os necessitados. O ideal visado não é, precisamente, um despojamento ascético e um desapego dos bens terrestres que vão de par com a espera escatológica; também não é simplesmente a prática generosa da esmola. É, portanto, um ideal de caridade que realiza em novas bases o ideal grego de amizade.

D. Marguerat nos apresenta a temática da *koinōnía* correlacionada à dimensão pneumatológica e querigmática da Igreja de Atos. Para o autor a comunhão se define por dois níveis bem claros: a comunhão espiritual, e a comunhão material. Marguerat trabalha a narrativa de At 2–5, elucidando teologicamente o episódio de Ananias e Safira (cf. 5,1-16). A efusão do Espírito encontra seu resultado na comunhão

23 *Phílos* – Não encontramos em Mc; em Mt 1x; em Lc 15x; e em At 3x.

24 At 1 – 5 – o único termo para os membros da comunidade está em 1,15: “irmãos”.

25 At 2,44; 4,32; 5,14; cf. 4,4 – “discípulos” somente do cap. 6 em diante.

26 *Agapētós* uma única vez em At 15,25.

fraternal da comunidade dos fiéis²⁷. E ainda: “A irrupção do sopro de Deus criando a Igreja encontra na unidade dos crentes sua concretude ética”²⁸. Marguerat cita Edgar Haulotte, um estudioso de Atos: “Vida em comunhão, última fase de Pentecostes”²⁹. Marguerat apresenta Ananias e Safira como sendo alusão ao estudo do pecado original do livro do Gênesis. Vale ressaltar, aqui, que a narrativa de At 5,1-11 tem um traço muito característico de composição, se assemelhando profundamente ao Proto-Evangelho de Gn 3,15. Segundo o autor, o pecado de Ananias e Safira não fora em relação ao dinheiro da propriedade vendida, mas sim foi em relação à quebra com a unidade dos primeiros cristãos. Pelo fato de terem “um só coração e uma só alma” (cf. At 4,32), eles também viviam a comunidade de bens: “tinham tudo em comum” (At 2,44). “Ananias e Safira não pecaram contra a moral, mas contra o Espírito em sua função de construtor da unidade”³⁰. O pecado de Ananias e Safira (cf. At 5,1-11) pode está relacionado com o pecado de morte ou para a morte que João escreve em sua Primeira Carta (cf. 1Jo 2,13-19)³¹.

Para A. Casalegno, Lucas faz provavelmente uma nova interpretação da tradição judaica que reconhece, a Lei, as obras de misericórdia e, o culto, os três alicerces do mundo³².

Destaca que, de forma semelhante à Lei, o ensinamento dos apóstolos é o elemento necessário para se viver segundo o projeto de Deus; que a comunhão fraterna realiza o mandamento veterotestamentário da misericórdia; que a participação nas orações e na fração do pão alimenta o relacionamento com Deus em continuidade com o culto da economia antiga³³.

R. Fabris e A. Casalegno veem a importância do “eram assíduos” (cf. 2,46). Ambos concordam na ênfase lucana de falar sobre a assiduidade dos irmãos na vida comunitária. Este é um fator fundamental para a compreensão da comunhão fraterna de

27 MARGUERAT, 2003, p. 126.

28 Ibid.

29 Ibid.

30 Ibid.

31 Marguerat enfatiza essa visão da unidade primitiva como sendo “o caminho do Espírito Santo no coração dos irmãos”. E aqui, especificamente, em relação ao episódio do pecado de Ananias e Safaria (cf. At 5) que é fundante na interpretação da comunhão lucana. Cf. MARGUERAT, 2003, p. 127.

32 “Ditos dos pais” (Pirqé Avot, 1,2).

33 CASALEGNO, 2005, p. 129.

Atos 2,42. A análise da perseverança também é de suma importância na compreensão do todo comunitário de Atos. Casalegno diz que o “perseverar” lucano não é um ato livre apenas, mas atos constantemente repetidos que realçam a base da vida comunitária. Para Casalegno, o permanecer cristão é viver em fidelidade ao evangelho.

Para Casalegno, Lucas usa como definição da *koinōnía* de Atos, a expressão *atos de solidariedade*, isso para revelar sua visão comunitária de igreja. Casalegno nos salienta acerca do teor caritativo do ideal cristão de Lucas. Esse ideal diverge do profano social e igualitário político, para atingir uma visão ainda mais sublime de comunidade, a visão universal do amor de Deus.

Dentro dessa contextualização, J. Konings salienta o ideal universalista judeu presente na Antiga Aliança. A Aliança visava aos estrangeiros, pobres, viúvas, velhos, crianças: não só os filhos de Abraão, mas a todos filhos dos homens. Isso é válido em nossa pesquisa, pelo fato de que devemos enxergar a comunhão da Igreja Primitiva à luz desse ideal universalista de comunidade que se apresenta como *ethos* vivo a todos os povos³⁴. J. Konings entenderá a *koinōnía* de At 2,42 como *atos de santidade* a fim de preservar a ligação com a piedade dos judeus³⁵. Casalegno, nosso autor estudado e abordado nessa parte, ressalta a importância da Eucaristia desde os primórdios, que servia como força motriz da vida cristã.

Fitzmyer concorda com a teologia de Ratzinger, que afirma a unidade interpretativa do Corpo-Igreja com o Mistério da Paixão do Senhor. A *koinōnía* pode ser vista como “comunhão sacrificial”, isto é, como comunhão na morte e na ressurreição de Jesus. Pela teologia de Ratzinger, podemos dizer que há uma nova via interpretativa a partir de Jesus, tem-se uma nova teologia templária e cultural, focada no centro interpretativo da fé cristã, a saber, o mistério Pascal e, assim também, os cristãos ganham o co-lugar do sacrifício e da comunhão à luz do evento Cristo³⁶.

A especial aplicação no Novo Testamento da palavra *koinōnía* é descrever a comunhão que existia como a celebração da Ceia do Senhor ou sacramento da Eucaristia.

34 Em aula.

35 Ibid.

36 RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011. Cf. Capítulo 2 que fala sobre “O discurso escatológico de Jesus”, especificamente, o tópico acerca do fim do templo (p. 35-48).

Por exemplo, a tradução de King James usa em 1Cor 10,16 a palavra inglesa "communion" para representar a palavra grega *koinōnía*. Traduzido: "Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo?". Qualquer refeição comum poderia representar uma "partilha". A *koinōnía* é vista com mais profundidade, no entanto, quando a alimentação está associada com uma proposta espiritual. Juntar-se à Ceia do Senhor é unir-se com outros crentes na realidade objetiva da morte de Cristo.

4 REFLEXÃO TEOLÓGICA E HERMENÊUTICA

Neste último capítulo, estudaremos as aplicações da comunhão fraterna numa reflexão teológica e interpretativa. Abordaremos a comunhão como sacrifício numa análise evolutiva do holocausto veterotestamentário, até chegarmos a uma compreensão mais plena da comunhão sacrificial à luz do Mistério Pascal do Senhor. Em seguida, caminharemos pela mística e pela beleza teológica da comunhão como análise do mistério de Cristo e da Igreja sob o viés do matrimônio. Por fim, veremos a comunhão tendo em vista sua complementariedade interpretativa da unidade entre os cristãos e a comunidade de bens hoje.

4.1 *Koinōnía* e sacrifício

A construção que se segue foi retirada do Artigo de Édouard Lipinski extraído no *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*³⁷, a fim de trazer alusões profundamente significativas na análise da comunhão fraterna de Atos.

Nos textos antigos, esse sacrifício é chamado simplesmente de *zebah*, “imolação”. É um sacrifício privado que se oferece em família (1Sm 1,21; 2,19), com os membros do próprio clã (1Sm 20,6.29) ou no círculo dos convidados (1Sm 16,2-5; 2Sm 15,11 s.). Trata-se muitas vezes de um sacrifício votivo, ao qual o oferente está obrigado por um voto (1Sm 1,21; 2Sm 15,7s. 11s.; Lv 7,16s.; 22,18-23; cf. Jn 1,16), mas este pode ser ao mesmo tempo um sacrifício de ação de graças (Sl 50,14; 116,17s.). Em outros casos, é um sacrifício espontâneo, oferecido fora de qualquer obrigação ou de qualquer promessa (Lv 7,16s.; 22,18-23), mas o objetivo pode ser ainda a ação de graças (Sl 107,22; cf. 8.15.21.31; 27,6; Lv 7,12-15; 22,29s.). Por vezes é um sacrifício que sela uma aliança (Gn 31,54). Os limites entre essas espécies de sacrifícios de comunhão, que, no fundo, não são motivações diferentes, permanecem imprecisos, sobretudo porque o traço característico permanece sempre o mesmo: o gado imolado é partilhado entre Deus e o oferente, que o come durante uma refeição sagrada. A vítima pode ser um animal macho ou fêmea (1Sm 16,2), de gado grande ou miúdo (Nm 15,3-11; Dt 18,3; 1Rs 8,62s.; 2Cr 7,4s.); defeitos menores são tolerados para as vítimas do sacrifício espontâneo (Lv 22,23). O sangue deve ser espalhado pelo chão (Dt 12,16.23s.; 15,23; cf. Lv 17,13), eventualmente sobre o altar do santuário onde o sacrifício será oferecido (Dt 12,27b). A gordura deve

37 LIPINSKI, Édouard. Comunhão, sacrifício. In: *DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 318-319.

ser queimada a Deus (1Sm 2,15s.), que se supõe “consumi-la” (Dt 32,38; Is 43,24; cf. Sl 50,14)³⁸.

O holocausto no Antigo Testamento acontecia sob as óticas ritualística e cerimonialista que evidencia a sacralidade dos sacrifícios e sua teologia da aliança. Lipinski continua:

O oferente e seus convidados, muitas vezes mencionados nessa ocasião (Gn 31,54; Ex 18,12; 34,15; Nm 25,2; Dt 33,19; 1Sm 9,13; 16,3.5s.; cf. 2Rs 10,19; Sf 1,7), consomem a carne (Dt 12,27; Os 8,13; Jr 7,21; Ez 39,17s.; cf. Ex 34,155; Sl 106,28; Lc 7,16; 22,29s.), que é cozida (1Sm 2,13-15; Ez 46,24). A presença de convidados explica-se especialmente pelo fato de a vítima do sacrifício oferecido em ação de graças dever ser comida no mesmo dia (Lv 7,15); a do sacrifício votivo ou do sacrifício espontâneo pode ser comida também no dia seguinte, mas se deve queimar o que sobrar para o terceiro dia (Lv 7,16 s.)³⁹

Apesar dos diferentes ritos e particularidades de cada oblação, havia um significado comum em todos eles, a expiação do pecado e a restauração da comunhão com Deus e de uns com os outros. A respeito da *evolução* deste tipo de sacrifício, Lipinski nos informa:

Após a centralização do culto, realizada sob o rei Josias, o sacrifício de comunhão perde, num certo momento, seu caráter exclusivamente privado e os fiéis são desde então obrigados a oferecê-lo por intermédio dos sacerdotes do santuário central (Lv 17,5-7). Seu nome também muda: tornam-se *zibhê šelamîm*, literalmente “imolações do sacrifício de encerramento” (Ex 29,28; Lv 7,34; 10,14; 17,5; Nm 10,10). Esse novo nome, que aparece nos textos de tradição sacerdotal e nos textos por ela influenciados, indica que dois sacrifícios primitivamente distintos, o sacrifício de encerramento e o sacrifício de comunhão, são doravante fundidos num só tipo de sacrifício, de maneira que os sacrifícios de comunhão, feitos à custa de oferentes privados, tomam o lugar dos antigos sacrifícios públicos de encerramento, pagos pelo rei no tempo da monarquia. Entretanto, a refeição continua a ter um papel importante nos *zibhê šelamîm*, e os motivos pessoais desse sacrifício continuam os mesmos: pode ser um sacrifício votivo (Lv 22,21; Pr 7,14), um sacrifício de ação de graças (Lv 7,13; 2Cr 30,22; 33,16) ou ainda um sacrifício espontâneo (Lv 22,21). Por outro lado, o ritual apresenta um caráter misto; está em Levítico 3. A vítima, macho ou fêmea, de gado grande ou pequeno, deve ser sem defeito. O oferente impõe-lhe a mão sobre a cabeça e a degola, depois o sacerdote asperge o altar com o sangue, como nos sacrifícios de encerramento, e queima a gordura a Javé. A parte do sacerdote é dupla: é o peito, com o qual ele fez o gesto de apresentação diante de Javé, e a coxa direita, que constitui o tributo devido ao sacerdote (Lv 7,28-34; cf. 10,14 s.). O restante das carnes é

38 Ibid.

39 Ibid. (cf. em Lv 7,16s - Alusão ao terceiro dia da Ressurreição de Jesus).

cozido pelos servidores do Templo (Ez 46,24); depois, o oferente e seus convidados consomem a carne, seguindo as regras tradicionais dos sacrifícios de comunhão (Lv 7,11-21; 19,5-8). Esse sacrifício não é mais oferecido nos diferentes santuários em Silo (1Sm 1-2), Rama (1Sm 9,12s.), Belém (1Sm 20,6), Hebron (2Sm 15,7-12), mas no Templo de Jerusalém, o único santuário reconhecido oficialmente. Geralmente, a cerimônia se realiza por ocasião das festas de peregrinação, sobretudo na festa dos Ázimos (2Cr 30,21s.), que inclui a festa da Páscoa.⁴⁰

Apesar de todo detalhamento da descrição dos sacrifícios de Israel, percebe-se que o tripé sacrificial: voto, ação de graças e espontaneidade marcou de modo significativo a consciência e a escolha pactual dos israelitas. A evolução dos sacrifícios de comunhão em suas terminologias, locais de culto e celebração não tiraram seu teor mais importante, que é o de promover a unidade entre Israel e Deus. Depois dessas informações tomadas do artigo de Lipinski, temos uma visão mais clara da tradição do sacrifício de comunhão.

A óptica sacrificial está presente em toda a Bíblia Sagrada, de Gênesis a Apocalipse, num tecido teológico bem definido e arquitetado, desde o sacrifício de Abel até as almas que clamam sob o altar segundo a liturgia celestial do livro do Apocalipse. Ambos os Testamentos apresentam com uma tônica muito forte a temática do sacrifício. O AT de modo especial pode ser interpretado como o Pacto de sacrifícios antes, durante, e depois de Israel se estabelecer como povo. Segundo Ralph Klein, existem pelo menos três características que determinam se um povo é povo, se uma nação é nação. As três características básicas são: Pátria, Templo (especialmente para os israelitas) e Rei⁴¹. Na releitura de sua fé, os hebreus recontam sua história a partir do contexto de exílio que viviam. Os livros do Êxodo e Levítico são marcados pelo holocausto e/ou sacrifício como busca de manutenção da comunhão de Deus com seu povo. O supracitado artigo de Édouard Lipinski nos mostra isso especificamente. O autor analisa os termos hebraicos para comunhão e a evolução destes na compreensão bíblica. Lipinski usa “sacrifício de comunhão” para designar toda sua busca teológica. Essa vertente saltou à compreensão meramente evolutiva do cerimonialismo sacrificial judaico, para ganhar novas luzes interpretativas a partir da compreensão que temos de que a comunhão fraterna de Atos, também designa uma *koinōnía* espiritual. E que, por conseguinte, se expressa na vivência

40 Ibid. Há uma ligação com o texto paulino do sacrifício de comunhão cristã à luz do Mistério Pascal do Senhor (cf. 1Cor 5,8). Os pães ázimos da sinceridade e da verdade de 1Cor 5,8 remetem às características de At 2,42-47: o “partir do pão”; e a “singeleza de coração”.

41 KLEIN, 2012, p. 19.

da comunidade: subsistente pela co-participação dos discípulos do Senhor no sacrifício de Jesus, isto é, no Corpo e no Sangue de Cristo que, sendo o Mistério Pascal e o mistério de nossa fé, se introduz como vida e presença ao mundo por meio da participação da Santa Ceia ou Eucaristia. É pela *epiclese* eucarística que o Espírito, na unidade da assembléia reunida, dá vida e luz ao Povo de Deus, que goza, que experimenta da nova vida em Cristo. No Evangelho de João temos isso de modo mais forte, mais incisivo, e com inteira certeza de fé:

Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá. Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente. Estas coisas disse Jesus, quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum (Jo 6,53-59).

Alguns de nossos autores estudados também enxergam a *koinōnía* como sacrifício, ou pelo menos, como co-participação no mistério do Senhor. Entre eles, está o teólogo alemão J. Ratzinger. Segundo este autor, há uma nova via interpretativa a partir de Jesus. Faz-se nova teologia templária e cultural focada no centro interpretativo da fé cristã, a saber, o evento Cristo. Para Ratzinger, toda teologia posterior a era de Cristo e da Igreja⁴² se constrói a partir *do kerigma* da autobasileia, isto é, Cristo Morto-Ressuscitado como chave-hermenêutica para a compreensão de toda a História da Salvação. Em outras palavras, é em Jesus que temos a compreensão plena das Escrituras⁴³. Cristo é o anúncio; Cristo agora ocupa o lugar da pregação que Ele mesmo fazia acerca da vinda do Reino de Deus.

Quanto à relação da comunidade primitiva com o Templo, os Atos dos Apóstolos referem que todos os que haviam abraçado a fé eram “diariamente assíduos ao Templo, numa só alma, partiam o pão em suas casas e tomavam alimento com alegria e simplicidade de coração” (2,46). São mencionados dois lugares de vida da Igreja nascente: para a pregação e a oração reúnem-se no Templo, que continua a ser

42 RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

43 Cf. Prólogo de João e Primeira Epístola (Jo 1,14//1Jo 1,1-4); Constituições dogmáticas *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II e Exortação apostólica *Verbum Domini* do papa Bento XVI.

considerado e aceito como a casa da Palavra de Deus e da oração; por sua vez, a fração do pão – o novo centro “cultural” da existência dos fiéis – tem lugar nas casas como lugares da assembleia e da comunhão graças ao Senhor ressuscitado⁴⁴.

Conclui-se, portanto, que ainda que não houvessem se divorciado completamente dos sacrifícios conforme a Lei, já conseguimos observar uma diferença importantíssima. Segundo Joseph Ratzinger, “a realidade constituída até então pelos sacrifícios é substituída pelo “partir do pão”. Por trás dessa expressão simples, porém, acena-se ao legado da Última Ceia, à comunhão no Corpo do Senhor, à sua morte e ressurreição”⁴⁵.

Na primeira comunidade de Jerusalém, temos ainda dois ícones que nos permitem dar um significativo salto de compreensão do fim dos sacrifícios para a co-participação cristã do sacrifício e da nova vida em Jesus, a saber, o primeiro mártir da Igreja, Estêvão, e Paulo, o antigo Saulo perseguidor do Caminho e testemunha da morte de Estêvão (cf. At 7). Estêvão carregava em sua pregação a crítica profética ao culto (cf. At 7,49-50; Is 66,1-2) e acaba por elevar tudo isso pelo entendimento da cruz de Cristo. O primeiro mártir se identifica profundamente com o seu Senhor dizendo tais palavras: “Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado! Com estas palavras, adormeceu. E Saulo consentia na sua morte” (At 7,60). Foi Paulo quem cunhou de modo mais específico a centralidade da cruz de Cristo para a compreensão de todo o mistério cristão.

Se Paulo aplica o termo *hilastérion* a Jesus, indicando-o como a cobertura da Arca da Aliança e, conseqüentemente, o lugar da presença do Deus vivo, então toda a teologia veterotestamentária do culto (e, com ela, as teologias do culto de toda a história da religião) é “abolida” e, simultaneamente, elevada a uma altura totalmente nova. O próprio Jesus é a presença do Deus vivo. N’Ele, Deus e homem, Deus e o mundo estão em contato. N’Ele realiza-se aquilo que o rito do Dia da Expição pretendia expressar: na doação de Si mesmo na cruz, Jesus depõe, por assim dizer, todo o pecado do mundo no amor de Deus e Nele o dissolve. Aproximar-se da cruz, entrar em comunhão com Cristo significa entrar no espaço da transformação e da expiação⁴⁶.

44 RATZINGER, 2011, p. 44.

45 RATZINGER, 2011, p. 44-45.

46 RATZINGER, 2011, p. 48.

A comunhão fraterna de At 2,42 se encontra viva e querigmática em Paulo e nos seus escritos. Em Rm 12,1-2, o apóstolo fala sobre o sacrifício vivo, santo e agradável a Deus do nosso corpo, de nossa carne histórica, a fim de que experimentemos qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus, que é nosso culto racional-espiritual. Há no *corpus paulinum* uma gama de textos sacrificiais e de comunhão sacrificial, dentre eles, textos que tratam da comunhão do sangue (cf. 1Cor 10,16); comunhão do corpo de Cristo (cf. 1Cor 10,16); comungar do cálice do Senhor (cf. 1Cor 10,21); comunhão do Espírito (cf. 2Co 13,13).

Também no Quarto Evangelho encontramos o viés sacrificial cristão para a obtenção de nova vida e novo significado da mesma:

Respondeu-lhes Jesus: É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me, e, onde eu estou, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, o Pai o honrará. Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora (Jo 12,27).

A nossa participação unitária no Corpo e no Sangue do Senhor se reflete nitidamente na práxis cristã comunitária e social, na base de um novo *ethos*, sendo melhor ilustrada pelo seguinte texto de Paulo aos Coríntios:

Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade (1Cor 5,7-8).

Esse texto e sua compreensão teológica ilustram de modo bem ilustrativo às narrações da Ceia de Jesus pelo fato de descrever a cerimônia e a celebração, e o elemento mais significativo aqui é o que se tornou posteriormente uma das principais características da Igreja de Atos, segundo nos narra os sumários teológicos do livro, a saber, o “partir do pão” (cf. At 2,42). Essa característica herdada da fé dos judeus e da prática de Jesus nos Evangelhos Sinópticos, no Evangelho de João, e re-lido na tradição paulina, é representada pelo convite de que a comunidade cristã deva celebrar, comemorar sua nova vida em Cristo com os pães ázimos de uma vida sincera e verdadeira no amor fraternal.

4.2 Comunhão no mistério de Cristo e da Igreja⁴⁷

Para uma compreensão existencial, parece relevante estabelecer um laço entre a ideia da comunhão fraterna e a vida do fiel no dia-a-dia, especialmente na vida familiar e matrimonial. Esta, de fato, é apresentada por Paulo como uma participação na comunhão que une Cristo e a Igreja. Neste sentido, propomos uma releitura cristológico-eclesiológico do sacramento do matrimônio à luz de Ef 5,32. Baseamo-nos em uma das partes do livro *Convite a pensar e a viver a fé no Terceiro Milênio: Sacramentos credíveis e desejáveis*, de Bernard Sesboüé⁴⁸, parte esta que trata sobre a Doutrina de Paulo, em confronto com o pensamento de Francisco Taborda⁴⁹.

Servimo-nos de uma teologia sacramental que se firma em três vias significativas: a exegética, a teológica e, por fim, a contemplativa. O viés interpretativo mais forte do texto, o cristológico-eclesiológico, se encontra na chamada "ordem doméstica" de Ef 5,32.

Vale ressaltar que o sacramento a ser estudado por nós é aquele que tem a mesma força vital no seio da Igreja e que é nutrido assim como toda a vida eclesiástica, pelo Corpo e Sangue do Senhor, a Eucaristia. Todavia, o sacramento do matrimônio é considerado pela dogmática em geral, como aquele sacramento que é diferente dos demais, não na sua essência, mas na sua forma, no seu rito e na sua praticidade.

Todo sacramento está ligado à vida cristã. É a celebração da vida (práxis histórica) "no Senhor". O sacramento do matrimônio, como sacramento permanente, é diferente. Tem um momento de celebração: a troca de consentimento, o selar da aliança, mas o gesto simbólico sacramental permanece para além da celebração. Nesse sentido apresenta analogia com a eucaristia⁵⁰.

47 Texto publicado nos anais da SOTER 2015. Cf. SILVA, Felipe Curcio Ferreira. (Mestrando em Teologia, bolsista FAPEMIG). *Grande é este mistério: releitura cristológico-eclesiológico do sacramento do matrimônio à luz de Ef 5,32*. p. 237-243.

48 SESBOÜÉ, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro milênio: sacramentos credíveis e desejáveis*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, [20--].

49 TABORDA Francisco. *Matrimônio Aliança-Reino*. São Paulo: Loyola, 2005.

50 TABORDA, o.c., p.81

Na abordagem de Sesboüé, o ensino paulino e as teologias neotestamentárias acerca do casamento são tratados de modo bem sintético e objetivo. Desde os primórdios da cristandade até a era medieval, o “grande é este mistério” de Paulo aos Efésios foi emoldurador das teologias construídas nos concílios. Tendo sua centralidade no amor conjugal apresentado por Paulo aos cristãos de seu tempo, essa verdade conjugou o caráter e a força do matrimônio no cristianismo. Passamos a perceber então que o projeto original de Deus na Criação ganha sua simbologia e vida máximas no mistério de Cristo e da Igreja.

4.2.1 Parecer global da temática sacramental do livro de Sesboüé

Sesboüé trata da contribuição de Paulo e da teologia neotestamentária acerca do casamento. Sesboüé, ao falar sobre Ef 5,32, interpretando o “grande mistério” acerca de Cristo e da Igreja, retoma a interpretação comum que essa elaboração cristológico-eclesiológica paulina é herança teológica do livro do Gênesis. A sacramentologia entende que o Pai é o sacramento maior, o Filho é o sacramento do Pai, a Igreja é o sacramento do Filho no Espírito. A Igreja é, portanto, o sinal visível da presença de Deus no mundo.

Em resumo, o Novo Testamento confirma a instituição divina do matrimônio na Criação e confere-lhe uma dimensão cristológica. O Antigo Testamento dizia que Deus tem qualquer coisa a ver com o matrimônio, não só porque Ele é o seu criador mas também porque toda a união se faz em razão do seu desígnio. O Novo Testamento diz-nos precisamente que Cristo faz parte integrante de todo o casamento entre batizados. O matrimônio é uma imagem de amor incondicional de Cristo à sua Igreja. Existe, pois, uma especificidade no matrimônio cristão relativamente ao casamento dentro da humanidade em geral, especificidade essa que não é só de ordem ética, mas por ser “uma participação, pela graça do Espírito de Deus, na nova criação no corpo de Cristo” (P. Vallin). É por isso que o matrimônio é um sacramento⁵¹.

4.2.2 O contributo de F. Taborda

Esboçamos aqui as considerações de F. Taborda sobre a perspectiva matrimonial à luz de Ef 5,32 e de outros escritos do NT.

4.2.2.1 Efésios 5,32

A discussão exegética gira em torno do começo da ordem doméstica de Ef 5. No v. 21 temos um possível contexto de práxis libertadora cristã nas famílias patriarcais,

51 SESBOÜÉ, [20--], p. 308.

o que, segundo o autor, “significaria sua total subversão”⁵². Sabe-se que a “ordem doméstica” começa mesmo no v. 22, todavia, a chave-hermenêutica se encontra já no v. 21 que, segundo Taborda, dá o tom ao todo da “ordem doméstica”. O pano de fundo da questão é que a liberdade cristã deve ser regada pelo amor e pelo serviço ao próximo. Em síntese, o v. 22 deve ser entendido como aplicação do princípio geral do v. 21 à relação marido-mulher. Vejamos:

v. 21 ***sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo***

v. 22 **As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos**, como ao Senhor.

1. v. 22-24 – ***Admoestação à mulher***

- A. v. 22 – admoestação às mulheres: que se submetam aos maridos
- B. v. 23 – fundamentação cristológica da submissão
- C. v. 24 – consequência: como a Igreja a Cristo, assim a mulher ao marido

2. v. 25-28a – ***Admoestação ao marido***

- A. v. 25a – exortação aos maridos que amem as mulheres
- B. v. 25b-27 – fundamentação cristológica do amor
- C. v. 28a – consequência: como Cristo ama a Igreja como seu corpo, assim o marido a mulher

3. v. 28b-32 – ***O grande mistério***

Conclusão: v. 33 – v. 33a retoma o v. 28; v. 33b retoma o v. 21

“Há, pois, um crescendo que culmina no v. 32: o grande mistério”. Como Taborda mesmo diz: “feliz a expressão de Markus Barth, o marido é cabeça se se torna ‘o primeiro servidor’ de sua esposa”⁵³. Vejamos a título ilustrativo o que nos diz o relato de Gênesis: “Por isso deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2,24// Mt 19,4-6a). Conclui-se, portanto, que a relação Cristo-Igreja, homem-mulher é, pois, não considerada do ponto de vista da diferença e superioridade, mas do ponto de vista da unidade⁵⁴. Segundo o autor, a luz do evangelho faz com que o dado cultural seja abalado por dentro. O choque entre evangelho e cultura ainda permanece com os tempos, na espera de uma renovação e vitalização de sentidos, ainda

⁵² TABORDA, 2005, rodapé da p. 59.

⁵³ TABORDA, 2005, p. 62.

⁵⁴ TABORDA, 2005, p. 62.

que a teologia que se faz da cristologia e da eclesiologia reforce ainda mais o fator cultural patriarcalista.

4.2.2.2 Outros escritos neotestamentários e o dado cultural

Segundo Taborda, as outras ordens domésticas das Escrituras cristãs não são de fundamentação teológica. Para o autor, elas sucumbem ao fator cultural. O texto de Cl 3,18s amplia o de Ef 5 quanto à submissão das mulheres aos seus maridos com a expressão: “como convém no Senhor”. O restante em relação à ordem doméstica (não só sobre o casamento) é típico de uma cultura e sociedade patriarcalistas. O texto de 1Pd 3,1-7 busca uma conciliação do *ethos* cristão com o patriarcalismo, e isso não só referente ao casamento, mas ao estado (2,13-17) e à ordem da casa (2,18-25). A submissão tanto das mulheres e dos escravos em concordância com o patriarcalismo presente é a “apologética muda” que o autor nos apresenta.

É diferente a perspectiva do autor do Apocalipse joanino, ao escrever para as Igrejas da Ásia Menor, sugerindo a resistência ao Império até a morte. Lembremo-nos, pois dessa máxima apocalíptico-joanina: “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.” (Ap 2,10). Segundo Taborda, o autor da Carta aos Efésios fez com que a narração de Gn 2 sancionasse e canonizasse o matrimônio patriarcal. 1Tm 2,15 ensina sobre a conservação da mulher no lar, “sendo ela salva por ser mãe de filhos”.

4.2.3 “Uma só carne”: a abordagem contemplativo-espiritual de Grün

Segundo Anselm Grün, o terceiro nível matrimonial é o seu próprio objetivo enquanto tal. Homem e mulher tornam-se uma só carne. O tornar-se um é nitidamente, a superação de toda e qualquer dualidade. É bem certo que são vidas distintas, mas constituem um só ser à luz do mistério cristão. Para maior ilustração do mistério poderíamos até citar a dimensão unitiva do Corpo de Cristo como em Ef 4,4-5 especificamente: “Há somente um [só] corpo e um [só] Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo”.

Segundo Grün, a nostalgia da unidade se acalma com o casamento. Ao longo dos séculos da história, a chamada “guerra dos sexos” foi e é intensa, tão somente porque ambos, homem e mulher, buscam adaptar-se um ao outro, quer por força ou violência, quer por estratégia, quer por amor e liberdade. Para Grün, o objetivo real da polaridade entre homens e mulheres é a mútua fecundação e a experiência de ser um, e a forma mais alta de ser um é a sexual. “O amor entre homem e mulher é ‘libertação da solidão, volta à integralidade divina’”⁵⁵. Grün cita Walter Schubart:

Assim como na concha ressoa o imenso poder distante do mar, toda a natureza sussurra no arfar dos amantes. Você precisa se libertar da solidão, diz esse sussurro; precisa sair de si e encontrar seu eu, o ajudante de Deus. Finalmente, o amor entre os sexos atrai os seres humanos aos braços da divindade e apaga o traço de separação entre o eu e o outro, entre o eu e o mundo, entre o mundo e a divindade⁵⁶.

A unidade em amor entre homem e mulher unidos pelo vínculo da paz matrimonial é verdadeiramente a viva e real expressão do amor de Deus pelos homens no sacramento do amor do Filho, na Sua Morte e Ressurreição, e na unidade do Espírito Santo. Grün afirma que:

O amante abraça na amada muito mais que o corpo; ele abraça nela a unicidade na qual tudo é abraçado. Assim, ela se torna para ele garantia de uma base amorosa no mundo; ajuda e testemunha de Deus⁵⁷.

4.2.4 Conclusão

De fato, é pela chave interpretativa das Escrituras, a saber, Cristo Jesus, que conseguimos extrair o melhor significado teológico-prático da vida. Pelas palavras de Jesus, entendemos a perfeita harmonia das coisas criadas e o fim delas. Vejamos o que disse Mt 19, 4-6a:

Respondeu-lhes Jesus: Não tendes lido que o Criador os fez desde o princípio homem e mulher, e que ordenou: Por isso deixará o homem pai e mãe, e unir-se-á a sua mulher; e serão os dois uma só carne? Assim já não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou, não o separe o homem.

55 GRÜN, 2014, p. 19

56 GRÜN, 2014, p. 19.

57 GRÜN, 2014, p. 19.

Hoje, percebemos que a nova leitura feita do casamento nos apresenta um rosto menos contratual, plástico e formal, mas nos passa uma dimensão graciosa e pericorética, isto é, o matrimônio não fica apenas na sua vertente humano-existencial com todas as suas limitações históricas, mas vence o tempo e a cultura, ganhando um novo colorido, uma nova essência, a de ser uma comunidade de amor. Portanto, a união de Cristo com a Igreja refletida no casamento cristão, se torna a maior evidência de fé e práxis histórica do amor de Deus no mundo. A Epístola aos Hebreus nos ensina algo muito importante através do qual termino essa prévia releitura: “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula” (Hb 13,4).

4.3 A unidade dos cristãos

4.3.1 A *oikoumenē*

Há uma expressão clássica usada para a promoção da unidade dos cristãos, a saber, *oikoumenē*, que quer dizer, “habitada”, designando a compreensão que se tinha do mundo habitado ou mundo habitável. Esse termo é utilizado em ambientes cartográficos para designar o mapa do mundo como se entendia na Antiguidade tardia e na Idade Média.

No período do Império Romano, a expressão designava a civilização mundial, numa óptica integral de administração do Império nos âmbitos secular e religioso. Hoje, usa-se numa macro compreensão de promoção de unidade cristã. O termo “ecumênico”, tão usado nos ambientes acadêmicos e pastorais, veio de toda essa evolução da compreensão histórica e existencial do termo. Quando se diz que algo é ecumênico, se diz de algo que é comum a todos os que pertencem a um todo comum, tanto para a compreensão única de Igreja cristã universal, quanto para a concepção de unificação do mundo moderno.

De Babel a Pentecostes encontramos a forte presença do propósito da comunhão. Todavia, Babel fora promovida pelo gênero humano apenas na audaciosa pretensão de construir uma torre, um governo, um império, que tocasse até os céus, ou seja, que chegasse até Deus. Essa pretensão turva foi impedida pela misericórdia divina

que disse: “Vinde, desçamos e confundamos a língua humana porque querem ser como nós” (cf. Gn 11,1-9). Não seríamos nós os que subiriam até tocar a divindade, mas Ele, o Senhor (*Kyrios*), que desceria até tocar a humanidade. Aqui, encontra-se o grande *axioma* teológico que diz: “Aquilo que não foi assumido também não foi redimido”, de Santo Irineu.

4.3.2 Quadro comparativo dos textos de Gn 11,1-9 e At 2,1-13: De Babel a Pentecostes

Gn 11,1-9	At 2,1-13
<p>Ora, em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar. Sucedeu que, partindo eles do Oriente, deram com uma planície na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Vinde, façamos tijolos e queimemo-los bem. Os tijolos serviram-lhes de pedra, e o betume, de argamassa. E disseram: Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo tope chegue até aos céus e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra. Então, desceu o Senhor para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam; e o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro. Destarte, o Senhor os dispersou dali pela superfície da terra; e cessaram de edificar a cidade. Chamou-se-lhe, por isso, o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra e dali o Senhor os dispersou por toda a superfície dela.</p>	<p>Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem. Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu. Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna? Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus? Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: que quer isto dizer? Outros, porém, zombando, diziam: estão embriagados!</p>

Este quadro comparativo das histórias bíblicas constroem a teologia clássica chamada “De Babel a Pentecostes”. O quadro acima nos apresenta um panorama bem definido pelo próprio texto bíblico de que há uma continuidade hermenêutico-teológica entre esses dois eventos marcantes da História da Salvação. De um lado, o caos instalado

pela pretensão humana de ser Deus; do outro, o *cosmos* criado pelo Espírito de Deus que unifica os povos num único e nobre propósito, a saber, o Evangelho do Reino de Deus. De um lado, a confusão dos idiomas por um *passivum divinum* a fim de que a humanidade não fosse uma só numa pretensão universal desconvertida. Do outro, a fala universal do amor sendo compreendida por todos os povos da terra que habitavam em Jerusalém. De um lado, confusão e desarmonia; do outro, união, comunhão e plenitude existencial. O dom do Espírito em At 2 é a releitura mais perfeita e harmônica do princípio do mundo pós-diluviano segundo narra as Escrituras Sagradas no livro do Gênesis. Em outras palavras, “De Babel a Pentecostes” é a cidade dos homens, a comunidade humana ganhando sua resignificação e plenitude à luz da cidade de Deus que desce até os homens pelo Espírito que foi outorgado no tempo e na história após a glorificação de Jesus (cf. Lc 24,49; At 1,8; Jo 7,38-39).

4.4 Pastoralidades da comunhão fraterna

A Igreja é comunidade! A comunidade torna visível a Igreja. A Igreja tem início com a pregação da Boa-Nova, o Reino de Deus manifestado nas palavras, obras e na presença de Cristo⁵⁸. A sua morte e ressurreição levaram à transformação da vida dos discípulos e pela ação do Espírito Santo torna-se visível a Igreja, a primeira comunidade⁵⁹.

As pessoas que receberam o dom do conhecimento de Cristo, de terem nascido em Cristo, formam a comunidade, tornando palpável a Igreja como dinâmica do Reino. A comunidade de fé, de esperança e de caridade⁶⁰ evangeliza, isto é, testemunha a alegria do Evangelho⁶¹.

Diz o papa Francisco:

O que nos deve santamente inquietar e preocupar (...) é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade

58 cf. LG, n. 5.

59 CNBB doc. 100, 2014, p. 7.

60 cf. LG, n. 8.

61 CNBB doc. 100, 2014, p. 7.

com Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida⁶².

O mesmo documento da CNBB nos ajuda a esclarecer profundamente as dimensões da *koinōnía* de Atos, que permeia toda a ótica neotestamentária de comunidade, nos oferecendo caminhos para a práxis de um *ethos* cristão mais amplo e mais profundo. Segundo o documento, a comunhão tinha seu fundamento na experiência da Eucaristia, que se expandia nas muitas dimensões da vida pessoal, comunitária e social: “Porque há um só pão, nós, embora sendo muitos, somos um só corpo, pois todos participamos desse único pão” (1Cor 10,17). Para o apóstolo Paulo, a comunhão com Jesus se realiza na ceia do Senhor (cf. 1Cor 10,14ss). Ela é completa *koinōnía* em algo, a saber, no pão e no vinho, e com alguém, a saber, Cristo. Segundo o documento, a experiência eucarística alimenta a esperança da realização total do cristão no mistério do Senhor. Ela também nutre a fé e a esperança na Segunda Vinda de Jesus, por isso proclama o *Maranathá* (Vem Senhor Jesus!). A comunidade responde ao dom do Pai, que é a comunhão na Eucaristia, tendo um elevado comportamento ético e um comprometimento sério com todos os sofredores da história.

Paulo aplicará o termo *koinōnía* de modo bem expansivo, capaz de vencer as barreiras ao romper com as fronteiras dos povos. É por isso que o apóstolo faz um pedido a seu amigo na fé, Filêmon, que acolhesse o escravo Onésimo como se fosse ele o próprio (cf. Fm 1,17). O escravo havia se convertido à fé em Cristo na prisão. Pela participação de Onésimo e Filêmon na mesma comunidade de fiéis, aquele deve ser visto apenas como irmão deste, e não mais como escravo. Naquele período, amizade e comunhão eram pensadas só a partir da ótica de igualdade no que diz respeito à condição social das pessoas. A comunhão dos cristãos se mostrava na unidade entre judeus e gregos, romanos e árabes, homens e mulheres, crianças e idosos (cf. At 2,6).

4.5 Comunidade de bens hoje

Alberto Maggi em *A loucura de Deus: o Cristo de João*⁶³ aborda algo de grande relevância para nossa temática, a saber, a compreensão de que Jesus ensinou a real diferença entre *partilha* e *esmola*.

62 CNBB doc. 100, 2014, p. 7-8.

Seguimos suas observações acerca do Evangelho de João, com ênfase na análise que se faz da chamada Páscoa do Pão da Vida, encontrada em Jo 6. De acordo com Alberto Maggi, o evangelista entende a ação de Jesus sendo reproduzida em gestos e palavras, quando Cristo celebra a última ceia com seus discípulos (Mt 26,26; Mc 14,22; Lc 22,19). A observação que o autor faz é que, no lugar de descrever o episódio da ceia como fazem os demais evangelistas, João descreve o episódio do lava-pés em Jo 13.

O evangelista não ignora a Eucaristia, mas explora seus significados e riquezas ao longo de toda a extensão do seu Evangelho, abundante em referências eucarísticas (Jo 12,1-3; 13,2; 15; 21). Sobretudo neste capítulo, com o episódio da partilha dos pães e com o discurso na sinagoga de Cafarnaum, o evangelista mostra o sentido da Eucaristia do Senhor: o amor entre os membros da comunidade se torna sinal visível do amor de Deus e se manifesta num dom de vida para os homens⁶⁴.

Alberto Maggi recorda que Jesus agradece ao Pai antes de distribuir os pães. Segundo o autor “Agradecer é ação com a qual se reconhece que aquilo que se possui é dom recebido, expressão do amor de Deus”⁶⁵. O autor ainda nos apresenta uma visão cosmológica bastante ampliada ao dizer que o dom da criação se alarga a todos e que a vida é abundante a todos nós.

A carência e a miséria nascem do egoísmo de todos os que retêm para si aquilo que, pelo contrário, é destinado a pertencer a todos. Quando esses bens são libertados da concentração egoísta e postos à disposição de todos, desaparece a situação de carência e se cria a abundância⁶⁶.

Alberto Maggi observa que Jesus, logo em seguida, põe-se a serviço das pessoas e as oferece pães e peixes, alargando, assim, a ação de Deus que dá seus bens a todos os homens.

Jesus não se limita a dar algo, mas doa-se a si mesmo. O pão que reparte, fruto do seu amor e do seu serviço, se torna sinal visível do amor de Deus; não é esmola, mas partilha. A esmola cria um benfeitor e um beneficiário, a partilha daquilo que se é e se tem cria irmãos⁶⁷.

63 MAGGI, Alberto. *A loucura de Deus: o Cristo de João*. São Paulo: Paulus, 2013.

64 MAGGI, 2013, p. 65.

65 MAGGI, 2013, p. 65

66 MAGGI, 2013, p. 65

67 MAGGI, 2003, p. 65.

Na conclusão de sua análise, o autor diz que:

Quando se partilha generosamente, aquilo que parecia pouco (cinco pães e dois peixinhos) supera a carência e até sobra (“encheram doze cestos com pedaços de cinco pães de cevada que haviam sobrado daqueles que tinham comido”, Jo 6,13) e o evangelista faz notar que o número dos homens “era aproximadamente cinco mil” (Jo 6,10), o mesmo número da futura comunidade de Jerusalém (At 4,4). É da partilha generosa que nasce a comunidade do Senhor”⁶⁸.

A partilha ou comunidade de bens recebe a seguinte compreensão pelo documento da CNBB: A comunidade dos primeiros cristãos experimenta a comunhão de bens: “Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam as suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um” (cf. At 2,44-45). A comunhão de bens não era algo obrigatório ou exigido pelos apóstolos, mas era fruto do amor a Jesus e aos irmãos. Segundo o documento há uma reinterpretação do dízimo veterotestamentário. Se para os israelitas se tratava de uma obrigação religiosa, a partilha de bens dos cristãos era a expressão viva da fé deles: “que cada um dê conforme tiver decidido em seu coração, sem pesar, nem constrangimento, pois ‘Deus ama a quem dá com alegria’” (2Cor 2,9).

As coletas que Paulo faz em Roma para os cristãos de Jerusalém identificam esse princípio de amor e gratuidade cristãos (cf. 2Cor 8-9). São sinais concretos de fraternidade dos cristãos convertidos do paganismo para com os judeu-cristãos da Cidade Santa. A atitude aponta para algo mais sublime: a comunhão do homem com o Pai, em Jesus, é externada aos irmãos através da ação do Santo Espírito. O dom material é sinal tangível da profunda relação das pessoas e da comunidade com a Primeira Comunidade, a saber, Pai, Filho, e Espírito.

A comunhão de bens é uma atitude concreta vivida pela comunidade que surgiu da Páscoa. Todos colocam o que possuem a serviço dos outros, assim, os bens pessoais se tornam comunitários por livre-decisão da pessoa que participa da comunidade. Essa postura reflete a amizade que circula entre os seus membros. É reflexo da experiência que se faz do amor de Deus “que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós” (Rm 8,32)⁶⁹.

68 MAGGI, 2003, p. 66.

69 CNBB, 2014, p. 52.

5 CONCLUSÃO

O sentido da comunhão fraterna de At 2,42 na comunidade de Jerusalém não é apenas fruto da herança judaico-piedosa em relação à fé templária e comunitária do AT e do NT antes de 70. Não se trata também apenas do rompimento judeu-cristão, que fez com que os “irmãos” buscassem novidade unitiva em relação aos círculos gregos de amizade, os quais agregavam apenas pessoas de mesma classe social, cultural e intelectual. O “tinham tudo em comum” de Platão pode ter inspirado Lucas, mas jamais o fez saltar à compreensão do amor que, segundo Paulo, é o “vínculo da perfeição” (cf. Cl 3,14). Trata-se da unidade comunitária em relação à Páscoa do Senhor que nos faz um no corpo, na alma e no espírito, na celebração da nova vida.

A comunhão fraterna é, por fim, uma evolução pragmático-existencial da comunhão sacrificial veterotestamentária. Em suma, o sentido mais profundo da comunhão fraterna em Atos, para Lucas, é o significado da comunhão interior, que acontece primeiramente, no coração, a chamada “comunhão do Espírito” (cf. 2Cor 13,14). Essa comunhão fraterno-amorosa gerada pelo Espírito Santo nas almas e corações (cf. At 4,32) fazia que tudo isso se externasse em comunidade de vida, de bens e de partilha (cf. At 2,44; 4,32). Isso só acontece, a partir do momento em que comungamos do Corpo e do Sangue do Senhor, isto é, em que co-existimos e co-participamos da Morte e Ressurreição do Cristo em nós, esperança da glória (cf. Cl 1,27), do Cristo Morto e Ressuscitado, *Kerigma* da Igreja e Vida da mesma.

REFERÊNCIA

AGOSTINHO, Santo. *Dos bens do matrimônio; A santa virgindade; Dos bens da viuvez: cartas a Proba e a Juliana*. São Paulo: Paulus, 2010. (Patrística, 16).

ALONSO SCHÖKEL Luis; CARNITI, Cecília. *Salmos II (Salmos 73-150)*. São Paulo : Paulus, 1998.

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Simbolos matrimoniales em la Bíblia*. Estella: Verbo Divino, 1997.

BARCLAY, William. *The Acts of the Apostles*. Edinburgh: The Saint Andrew Press, 1997.

BARRETT, C. K. *The Acts of the Apostles: a shorter commentary*. Edinburgh: T&T Clark, 2002.

BAUER, Johannes B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000.

BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian. *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2011.

BÍBLIA de estudo: palavras-chave hebraico e grego. Revista e corrigida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA Sagrada com letra maior. Revista e atualizada por João Ferreira de Almeida. São Paulo: SBB, 2008.

BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. Sao Leopoldo: Sinodal, 1982.

BORNKAMM, Günther. *Bíblia Novo Testamento: introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo*. São Paulo: Teológica, 2003. p. 79.

BRUCE, F. F. *The book of the Acts*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1988.

CARMO, Solange Maria do. *Jesus: Boa-Nova universal de Deus: estudo bíblico-catequético a partir de At 10, 1-11,18*. Goiânia: Scala, 2014, v.1.

CASALEGNO, Alberto. *Comunhão eclesial e ministério apostólico nos Atos dos Apóstolos. Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 18, n. 46. p. 293-314. set./dez. 1986.

CASALEGNO, Alberto. *Gesu e il tempio: studio redazionale di Luca-Atti*. Brescia: Morcelliana, 1984.

- CASALEGNO, Alberto. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- CATTANEO, Arturo. *Matrimônio: dom e missão: trilhas para um caminho de casal*. Brasília: CNBB, 2012.
- CHAUVET, Louis-Marie. *Símbolo y sacramento: dimensión constitutiva de la existencia cristiana*. Barcelona: Herder, 1991.
- CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Documentos da CNBB, 100).
- CNBB. *Orientações pastorais sobre o matrimônio aprovadas pela Assembleia Geral Extraordinária*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Documentos da CNBB, 12).
- COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Aparecida: Santuário, 2013.
- CONZELMANN, Hans. *El centro del tempo: estudio de la teologia de Lucas*. Madrid: Fax, 1974.
- DESSERPRIT, Albert. *Le mariage, un sacrement*. Paris: Le Centurion, 1981.
- DI CARESTO, Comunita. *Quando due saranno uno: introduzione alla spiritualita conuigale*. Milano: Gribaudi, 2001.
- DIANICH, Severino. *La Chiesa mistero di comunione*. Genova: Marietti, 2011.
- DUNN, James D. G. *The Acts of the Apostles*. Peterborough: Epworth Press, 1996.
- DUPONT, Jacques. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- DUPONT, Jacques. *Les sources du Livre des Actes: etat de la question*. Paris: Desclee de Brouwer, 1960.
- DUPONT, Jacques. L'union entre les premiers chrétiens dans les Actes des Apotres. *Nouvelle Revue Theologique*, Paris, v. 101, n. 9, p. 897-915, 1969.
- DUPONT, Jacques. *Nouvelles études sur les Actes des Apotres*. Paris: Cerf, 1984.
- DUPONT, Jacques. *Studi sugli atti degli apostoli*. Roma: Paoline, 1975.
- DUPONT, Jacques. *Teologia della Chiesa negli Atti degli Apostoli*. Bologna: Dehoniane, 1984.
- DUTRA, Silvio. *Comentário da Bíblia: Velho Testamento: Salmo 133: Salmo de Davi*. Disponível em: < <http://livrosbiblia.blogspot.com.br/2012/12/salmo-133-salmo-de-davi.html>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

EVANGELISTA SOBRINHO, Joao. *A koinōnía na eclesiologia de Angel Anton*. Belo Horizonte: CES, 2000.

FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1984.

FORTE, Bruno. *As cores do amor: o matrimônio e a beleza de Deus*. São Paulo: Loyola, 2013.

GALLO RODRIGUEZ, Vicente. *Espiritualidad matrimonial: el matrimonio Cristiano verdadeiro caminho de santidade*. Lima: [s.n.], 2009.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: Grego e Português*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 118.

GRÜN, Anselm. *Matrimônio: Bênção para a vida em comum*. São Paulo: Loyola, 2006.

GRÜNWALDT, K. *Olho por olho, dente por dente? O Direito no Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2009.

HAENCHEN, Ernst. *The Acts of the Apostles: a commentary*. Oxford: Basil Blackwell, 1971.

HAUCK, Friedrich. koinós etc. In: KITTEL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974. v. 7, p. 789-809.

HIGUET, Etienne A. A Igreja-comunhão na teologia católica a partir do Vaticano II. *Koinonia*, Rio de Janeiro, v.9, p. 53-93, 1994.

HINN, Benny. *Bom dia, Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalem no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983.

KLEIN, Ralph W. *Israel no exílio: uma interpretação teológica*. São Paulo: Paulus, 2012.

KÜRZINGER, Josef (Org.). *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, 1971. (Novo Testamento: comentário e mensagem, 5-1).

LACROIX, Xavier. *Les mirages de l'amour*. Montrouge: Bayard, 2010.

LIPINSKI, Édouard. Comunhão, sacrifício. In: *DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 318-319.

LOSSL, Josef. *The early Church: history and memory*. New York: T&T. Clark International, 2010.

MAGGI, Alberto. *A loucura de Deus: o Cristo de João*. São Paulo: Paulus, 2013.

MALINA, Bruce J. *Social-science commentary on the Book of Acts*. Minneapolis: Fortress Press, 2008.

MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus, 2003.

MARSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1980.

MCDERMOTT, John Michel. The biblical doctrine of Koinōnía. *Biblische Zeitschrift*, Paderborn, v. 19, n. 1, p. 64-77, 1975.

MEIER, John P. *Um judeu marginal repensando o Jesus histórico: as raízes do problema e da pessoa*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. v. 1.

MELO, Fábio de. *O discípulo da madrugada: a travessia de um homem do campo de batalha à mesa posta*. São Paulo: Planeta, 2014.

MENDONÇA, José Tolentino. *O tesouro escondido: para uma busca interior*. São Paulo: Paulinas, 2012.

MIMOUNI, F. Stanley (Dir.). *Le judéo-christianisme dans tous ses états: actes du colloque de Jérusalem, 6-10 juillet 1998*. Paris: Cerf, 2001.

MUNCK, Johannes. *The Acts of the Apostles: introduction, translation and notes*. Garden City: Doubleday, 1981. (The Anchor Bible, 31).

PARRA, Alberto. *De la Iglesia misterio a la Iglesia de los pobres*. [S.l.]: Pontificia Universidad Javeriana, 1984.

PENNA, Romano. *Le prime comunità cristiane: persone, tempi, luoghi, forme, credenze*. Roma: Carocci, 2012.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1999.

RIUS-CAMPS, Josep. *De Jerusalem a Antioquia: Genesis de la Iglesia cristiana: comentario linguístico y exegetico a Hch 1-12*. Cordoba: El Almendro, 1989.

ROLOFF, Jurgen. *Hechos de los Apostoles*. Madrid: Cristiandad, 1984.

ROSSE, Gerard. *Não mais pobres entre vós: riqueza e comunhão de bens na Bíblia*. São Paulo: Cidade Nova, 1995.

SALMOS. Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

SCHATTENMANN, J. koinōnía. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 377-382.

SCHMIDT, Francis. *O pensamento do Templo: de Jerusalém a Qumran*. São Paulo: Loyola, 1998.

SCHNEIDER, Gerhard. *Gli Atti degli Apostoli: introduzione e commento ai capp. 1, 1-8, 40*. Brescia: Paideia, 1985.

SESBOÛÉ, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro milênio: sacramentos credíveis e desejáveis*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, [20--].

SILVA, Felipe Curcio Ferreira. *Grande é este mistério: releitura cristológico-eclesiológica do sacramento do matrimônio à luz de Ef 5,32*. p. 237-243. Comunicação no 28º Congresso da SOTER 2015.

SILVA, Gilmar Ferreira da. *Cooperadores com a verdade: testemunho da caridade como manifestação da verdade na terceira Carta de João*. Belo Horizonte: FAJE, 2006. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2006.

SPICQ, Ceslas. *Agape dans le Nouveau Testament: analyse des textes*. 3.ed. Paris: J. Gabalda, 1966.

STAHLIN, Gustav. *Gli Atti degli Apostoli*. Brescia: Paideia, 1973.

STORNILO, Ivo. *Como ler os Atos dos Apóstolos: o caminho do Evangelho*. São Paulo: Paulus, 1993.

TABORDA, Francisco. *Matrimônio-Aliança-Reino*. São Paulo: Loyola, 2001.

THEISSEN, Gerd. *Sociología del movimiento de Jesús: el nacimiento del cristianismo primitivo*. Santander: Sal Terrae, 1979.

TILLARD, Roger Jean-Marie. *Communion et réunion: mélanges*. Leuven University Press, 1995.

VERMÉS, Geza. *Jesus, o Judeu: uma leitura dos Evangelhos, feita por um historiador*. São Paulo: Loyola, 1990.

VIDAL, Marciano. *Moral cristã: em tempos de relativismos e fundamentalismos*. Aparecida: Santuário, 2010.

VIDIGAL, José Raimundo. *Leitura de Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Academia Cristã, 2014.

WÉNIN, André. *José ou a invenção da fraternidade: leitura narrativa e antropológica de Gênesis 37-50*. São Paulo: Loyola, 2011; *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano: leitura de Gênesis 1,1-12,4*. São Paulo: Loyola, 2011.

WITHERINGTON, Ben. *History literature, and society in the Book of Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. *The Acts of the Apostles: a socio-rhetorical commentary*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998.

WOJTYLA, Karol Josef. *Amor e responsabilidade*. Lisboa: Rei dos livros, 1999.